



ENCONTROS NA CIDADE

ensaios de intervenções urbanas para o bairro da Pedreira

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Mariana Rocha Siqueira de Araujo e Souza

orientada por
Rodrigo Gonçalves dos Santos

Florianópolis – março, 2016

AGRADECIMENTOS

À "dona Renatinha", por fazer de mim o ser humano que sou
Ao meu orientador, pela paciência, serenidade e incentivo
Aos meus amigos, por estarem sempre do meu lado

Mari Rocha

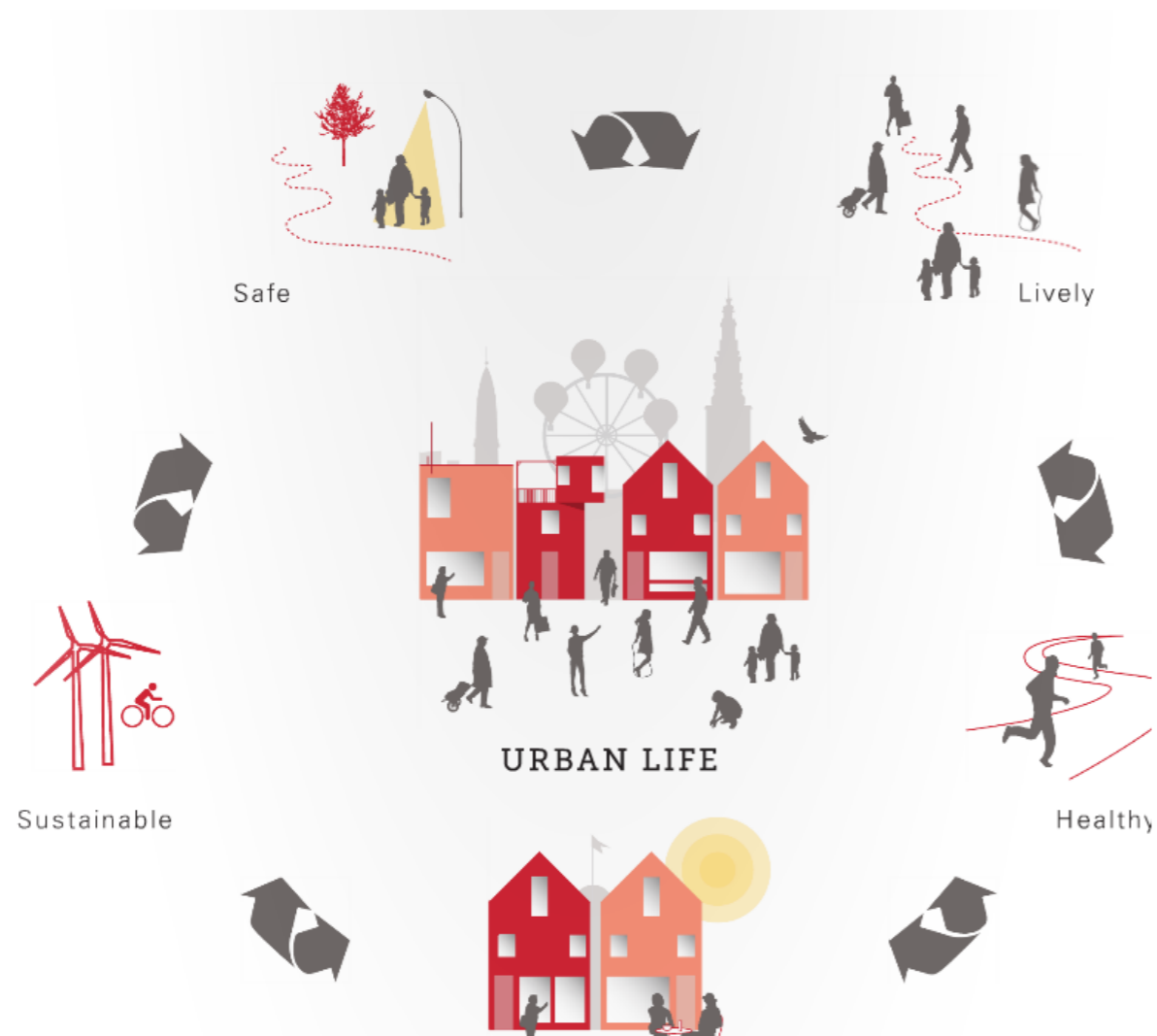
SUMÁRIO

008	INTRODUÇÃO
	PARTE I - ESTUDOS INICIAIS
016	sobre os CENTROS HISTÓRICOS
020	sobre a QUESTÃO DO PATRIMONIO URBANO
024	sobre os PROJETOS DE REVITALIZAÇÕES URBANAS E A VIDA DOS CENTROS HISTORICOS NA CONTEMPORANEIDADE
028	sobre a ESPETACULARIZAÇÃO URBANA
030	sobre a CIDADE E CONTEMPORANEIDADE
032	SOBRE A GENTRIFICAÇÃO
034	ESTUDOS DE CASO
	PARTE II - CONCEITOS · DIRETRIZES · MÉTODO
038	conceitos CIDADE CONTEMPORANEA
040	diretrizes TEÓRICAS
042	MÉTODO
	PARTE III - ESCOLHA DO LOCAL E OBJETIVOS
046	o LOCAL
047	BREVE HISTÓRICO
051	ATUALMENTE...
	OBJETIVOS
054	GERAL
055	ESPECÍFICOS
	PARTE IV - PROPOSTA
060	PLANO GERAL
074	INTERVENÇÕES URBANAS
090	CONSIDERAÇÕES FINAIS
092	BIBLIOGRAFIA

“E o que podemos entender como qualidade de vida? Segundo Antoni Remesar, para termos uma vida boa, a cidade tem que ser de todos e para todos, os espaços públicos têm que ser pensados enquanto locais de encontro e convivência, promovendo a cidadania e a participação das comunidades. É então nos espaços públicos que temos de ter qualidade, uma percepção de valor, relativa ao espaço e ao tempo.”

Do Valle, 2008

INTRO



Em um universo contemporâneo de apologia à efemeridade e ao consumo como pensar a conservação? O quê conservar? Símbolos? Simbologias?

Esse trabalho surge do desejo de estudar a relação entre as pessoas e o centro histórico, seja em como esse espaço é apropriado hoje em dia, seja quanto à sua importância afetiva. Para isso tive que indagar sobre o papel desses lugares perante a cidade e a sociedade contemporâneas. Assim, busquei bibliografias sobre patrimônio urbano e sua preservação; memórias e imaginário urbano e também sobre a cidade contemporânea, suas dinâmicas e características. Nesse último caso, me ative principalmente sobre aquelas que influenciam nas questões do patrimônio e conservação na atualidade.

Duas dessas características da cidade contemporânea foram primordiais para a estruturação da proposta, a primeira, foi a gentrificação. Ela me fez pensar sobre a necessidade de se propor as revitalizações urbanas de centros históricos para além do restauro de suas características físicas e de seu desenvolvimento econômico. Em pensá-las, principalmente, a partir das questões sócio-espaciais do território em questão, buscando a permanência de seus atores principais: a população local, seus residentes ativos e comerciantes. A segunda, foi a crise do espaço público, quando a cidade perde força como palco das experiências e da vida humana, para lugar de produção e consumo.

A partir dessas reflexões, vou trilhando meu caminho e desenvolvendo o meu ponto de vista. Amadurecendo a idéia em como intervir em um sítio histórico de forma coerente com todas essas questões. Em um momento fortuito me deparei com o conceito de coexistência ligado ao universo do urbanismo. E, ao decorrer desses estudos percebi como esse conceito cabe perfeitamente no contexto. Começo a pensar no centro histórico de modo que ele coexista harmoniosamente com a cidade contemporânea, "preservando o que pode e deve ser preservado" (Ferraz, M.)

“Como definem Rowe e Koetter, atravessamos uma Era dominada por micro ações [físicas, virtuais] caracterizando o chamado urbanismo bricolage, no qual a cidade é a grande oficina para experiências coletivas e sociais. No Brasil historicamente partimos de um pensamento no qual as cidades eram tratadas como jogos programáveis, em especial na década de 60, padronizando e categorizando os cidadãos como personagens numa ciência um tanto quanto específica ditada por uma visão individual. Atualmente um outro modelo começa a se consolidar através de um olhar muito mais humanista, romântico, e até certo ponto ingênuo. Esse movimento introduz um aspecto fundamental no entendimento das dinâmicas urbanas, pelo fato de entender a cidade não como um sistema, mas como uma rede de sistemas complementares e ao mesmo tempo independentes no qual o ser humano é o principal agente de transformação.”

Marchi, 2015

Adoto, como princípio dessa proposta, reinserir o centro histórico (desde seus signos e às suas simbologias) como um espaço ativo na cidade contemporânea. Assim, a busca pela vitalidade desse lugar tem papel chave em seu planejamento.

Como forma de atuação, busco propor convites urbanos. Micro intervenções como forma de promover nesse espaço seu caráter relacional¹. As intervenções urbanas atuam na percepção das pessoas sobre a cidade, “são verdadeiros portais com capacidade de revelar a cidade essencial e suas realidades retraídas” (Marchi, 2015).

¹ Bourriaud desenvolve esse conceito do relacional em seu livro *Estética Relacional*, segundo o qual a Arte Relacional está preocupada com as relações humanas no contexto artístico, nas relações entre artista, público e entorno. Buscando com a obra construir relações entre eles, significados coletivos a partir de sua interação.

O trabalho aqui apresentado está dividido em 4 partes. Na primeira, é feita uma compilação dos principais assuntos estudados no início do TCC. Na segunda, estão elencados os conceitos e as diretrizes teóricas que guiaram a elaboração da proposta e o método utilizado como referência. A terceira parte trata da área escolhida para intervenção e os objetivos da mesma, e por fim, na quarta parte, a proposta em sua estrutura final e conclusão.

A área de intervenção escolhida foi uma porção do centro histórico de Florianópolis, conhecido como setor Leste, ou bairro da Pedreira, marco inicial do desenvolvimento urbano da então Nossa Senhora do Desterro, não minha cidade de nascença, mas com certeza minha cidade do coração.

PARTE I

ESTUDOS INICIAIS

"A arquitetura e os lugares da cidade constituem o cenário onde nossas lembranças se situam e, na medida em que as paisagens construídas fazem alusão a significados simbólicos, elas estão evocando narrativas relacionadas às nossas vidas. Assim, a maneira como interpretamos nossas experiências no espaço converte-se em nossa realidade e possibilita-nos dar significado ao nosso mundo físico. Com o passar do tempo, uma constelação de signos se estratificam na memória coletiva constituindo uma cidade análoga."
Ortegosa, 2009

sobre os

CENTROS HISTÓRICOS



Imagem 02: pintura com vista para o centro de Florianópolis feita por Duché de Vanvy em 1785
fonte: floripendio.blogspot.com.br



Imagem 03: vista aérea do centro de Florianópolis antes da realização do aterro em meados da década de 70
fonte: floripendio.blogspot.com.br

O centro histórico possui um caráter simbólico por ter sido o ponto nevrálgico do desenvolvimento das cidades, de seu abastecimento. E também por ser o lugar onde, por muito tempo, eram construídas as relações e vividas as experiências.

A sua conservação é importante para a preservação da memória urbana coletiva, sendo este elemento chave para a não alienação da história. Proteger a memória significa proteger o passado, o presente e o futuro.

A partir da segunda metade do século XX as cidades passam a crescer mais rápido e de modo espalhado. Ao mesmo tempo houve um "boom" no desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação e transportes, o que culminou em um novo modo de viver, de habitar e também de se apropriar do espaço urbano.

Esse processo de êxodo para a periferia (principalmente pela população mais abastada economicamente) levou ao abandono das áreas centrais e, conseqüentemente, das áreas históricas. Estas se transformaram em regiões voltadas para o comércio, serviços e instituições. Suas antigas casas hoje configuram alguns dos imóveis abandonados ou sub-utilizados.

O abandono dessas áreas por uma população fixa levou a uma estagnação, e até mesmo decadência tanto na esfera social, quanto econômica e física de grande parte desses centros urbanos. Causa essa que aumenta a sensação de insegurança na cidade e alimenta um ciclo vicioso. Essa situação intensifica a não apropriação desse espaço, desvalorizando sua importância histórica, suas lembranças e suas memórias.

“Na visão de Bachelard, a lembrança tem função primordial no espaço, atribuindo-lhe a condição de âncora da memória: “o inconsciente permanece nos locais. As lembranças são imóveis, tanto mais sólidas quanto mais bem espacializadas”. Todos os espaços com os quais estabelecemos uma relação de intimidade adquirem “valores oníricos consoantes”. São justamente as lembranças localizadas na região da intimidade que nos dão o sentido de valorização dos aposentos, praças, ruas, edifícios e paisagens que constituem patrimônios da história da humanidade, de uma determinada sociedade ou das histórias íntimas e individuais. Os devaneios suscitados pelas lembranças convidam-nos à imaginação e provocam transformações nas profundezas do ser. A ausência de possibilidade de devanear gera, ao contrário, o estreitamento da imaginação e a acomodação em relação à realidade. Em outras palavras: a ausência do sonho, do devaneio, impede a construção de utopias. É neste sentido, e não como tentativa de um resgate de um tempo perdido ou de uma cultura já morta, que a preservação da arquitetura e dos ambientes urbanos adquire importância.”
 Ortegosa, 2009

E é exatamente isso que um centro histórico precisa, de uma nova animação, de residentes fixos, de usos que o promovam, que promovam a memória de suas urbanidades, a fim de combater a sua musealização ou degrado pelo desuso.



Imagem 04: vista da escadaria da Catedral de Florianópolis, com predominância da escala humana, data desconhecida
 fonte: arquivo pessoal de Adolfo Nicolich da Silva



Imagem 05: tipologia arquitetônica característica ainda presente nos balneários de Florianópolis como Santo Antônio de Lisboa e Ribeirão da Ilha
 fonte: arquivo pessoal



Imagem 06: situação de degradação e abandono comum em edificações nos centros históricos
 fonte: arquivo pessoal

sobre o

PATRIMÔNIO URBANO

Patrimônio é aquilo que faz sentido ainda hoje, decorrente da interação das pessoas com o espaço em que está inserido.

O conceito de patrimônio urbano como temos hoje, se desenvolve, principalmente a partir de Gustavo Giovannoni (1873-1947), engenheiro italiano que, junto com Giorgio Nicodemi, leva ao IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna, (CIAM) em Atenas, o debate sobre a preservação e conservação do espaço urbano e suas simbologias.

Até então eram considerados patrimônio dignos de serem conservados apenas os monumentos e seu entorno imediato. Giovannoni e Nicodemi foram os precursores italianos no que tange a preservação da cidade e seu espaço.

Foi somente na década de 60 que essa visão ganha abrangência internacional, sendo efetivamente publicada na da Declaração de Amsterdam em 1975.

Por mais que tenha demorado 30 anos para a elaboração de manifesto que efetivamente previu a conservação do patrimônio urbano, foi a partir da Carta de Atenas, que houve uma ruptura com os ideias urbanos modernistas e funcionalistas. Essa ruptura foi de extrema importância para ressurgir teorias urbanas que pensam a cidade a partir de um caráter mais humano. Como, por exemplo, a teoria de Camillo Sitte de um espaço urbano re-humanizado. Seu livro "A Construção da Cidade segundo seus Princípios Artísticos", Viena, 1899, então rechaçado pelo movimento moderno volta a ser valorizado e estudado.

Segundo Giulio Carlo Argan, em História da Arte como História da Cidade, o desinteresse pela preservação do espaço urbano nessa época gerou uma patologia urbana: a estagnação da cidade histórica e afirmação da cidade moderna como "anti-histórica".

Desde essa insurgência na década de 30 da defesa de um urbanismo mais humanista, mais atento à vida e ao ânimo do contexto urbano, vêm surgindo outros tantos teóricos, críticos da prática urbanista modernista que produziu espaços "social e espiritualmente mortos" (Ortega-sa, 2009).

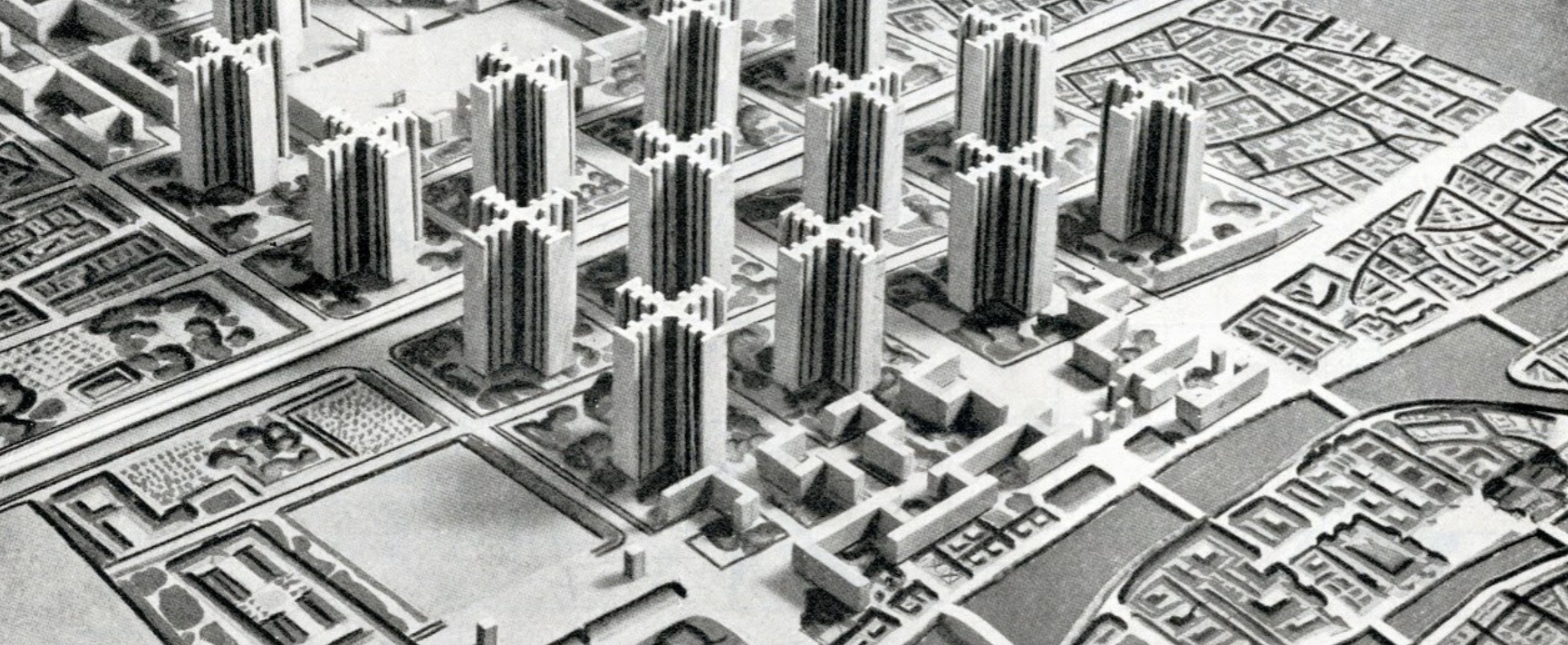


Imagem 07: Plan Voisin -Plano urbanístico de Le Corbusier para Paris com os preceitos modernistas, grandes áreas livres, setorização dos usos, unidades de vizinhança, grandes vias para tráfego de veículos, etc.
 fonte: wintermedley.blogspot.com

O declínio desse modelo urbanístico, alavancada pela crise do espaço público, pelas preocupações ambientais e patrimoniais e pela exclusão social conduz à uma nova prática de planejamento urbano a partir da década de 80. Quando se torna mais comuns as ideias de reabilitação de áreas já urbanizadas (principalmente centros históricos e antigas áreas industriais) que se encontram em estado de degradação e não apenas o planejamento de novas zonas urbanas periféricas.

Na Itália, desde metade do século passado, a preservação urbana é ponto integrante nos planos de desenvolvimento urbano das cidades, estando inseridos dentro de seus Planos Reguladores Gerais, os Plano de Requalificação Urbana para os centros históricos, sendo o início da Conservação Integrada.

“Um dos princípios fundamentais que amadureceram na Itália, e sobre o qual gostaria de chamar a atenção do Congresso, foi aquele de atribuir valor de monumento e de estender as providências de estudo e de conservação não apenas às obras mais significativas e de maior prestígio, mas também àquelas de importância secundária que ou pelo seu conjunto de monumento coletivo, ou pela relação com os edifícios mais grandiosos, ou pelo testemunho que nos oferecem da ordinária vida arquitetônica dos diversos períodos assumem interesse prevalentemente ambiental, seja no que diz respeito à arte ou às recordações históricas, seja em função urbanística.”

discurso de Gustavo Giovanoni no IV CIAM, em 1933



Imagem 08: Planta do Plano Regulador para o centro histórico de Bologna, 1969
 fonte: comune.bologna.it

PROJETOS DE REVITALIZAÇÕES URBANAS E A VIDA DOS CENTROS HISTÓRICOS NA CONTEMPORANEIDADE

"A partir dos anos 70, a perda da identidade cultural e o empobrecimento do ambiente urbano provocado pelos códigos redutivos da arquitetura contemporânea tornaram-se objeto de preocupação cada vez maior. Contra a uniformização, emerge um renovado interesse pela especificidade do regional e dos estilos históricos, e pela diversidade das subculturas urbanas. A supressão do contexto local e da cultura, e a imposição da uniformidade como meio de se alcançar a universalidade encontra uma reação explicitada no léxico pós-moderno, pela valorização do contexto, da diversidade, do sentido do lugar, da experiência, do cotidiano e da cultura. Em oposição à visão globalizante e unificadora propugnada pela vanguarda modernista, delineiam-se novos códigos formais que convertem a fragmentação da configuração urbana num valor positivo: o pluralismo, em oposição à rigidez dos modelos estabelecidos pelo funcionalismo, e a valorização das particularidades regionais e dos conceitos de lugar/identidade, em oposição ao princípio da tabula rasa na produção ex-niilo de um novo espaço. A cidade-colagem, resultante da somatória de diferentes estratégias de intervenção no espaço urbano, e a revitalização urbana, no lugar dos procedimentos de renovação urbana, transformam-se em princípios-chave nas práticas urbanísticas contemporâneas."

22 *Ortegosa, 2009*

Essas revitalizações urbanas tem como objetivo principal a preservação das especificidades históricas e culturais do lugar, devendo promover sua restauração física (da arquitetura histórica) e psíquica (das relações urbanas pré-existentes). É o que foi definido como arquitetura contextual por Francisco de Gracia "aquela que, sem utilizar os recursos da mimesis superficial nem a analogia direta, estabelece uma rara simbiose com o contexto" buscando criar uma conversa, incentivar a coexistência do passado com o futuro.

Muitos desse projetos vêm sendo desenvolvidos tendo como estratégia principal o uso da cultura para a promoção do espaço, a partir desse discurso de valorização da cultura local. Essa estratégia, em muitos casos, impulsionou a indústria do turismo dando início à parceria indústria da cultura, do turismo, consumo e revitalizações e marketing urbanos.

Hoje o consumo foge da materialidade. As cidades são dotadas de imagens vendidas internacionalmente pela indústria do turismo. Muitas transformam seus bairros históricos em cenários urbanos, ocasionando a musealização destes e impulsionando fenômenos sociais como a gentrificação e exclusão sócio-espacial (Huysen, 2000).

Muitos exemplos desses projetos, principalmente a partir dos anos 80, tiveram como objetivo o desenvolvimento econômico da região. Não optando por uma intervenção que busque entender e sanar problemas da vida cotidiana naquele espaço. Um exemplo bem conhecido é o caso de Barcelona, com o projeto barcelona@22. Ele busca o desenvolvimento econômico do bairro Poblenou, antiga área industrial da cidade, a partir do incentivo à empresas voltadas à indústria criativa. Em todos os casos estudados onde foi privilegiado o desenvolvimento econômico do local sem contar com um plano de ação que buscasse criar espaços públicos de qualidade, incentivasse a permanência da população local, o uso habitacional e a participação popular

“Contemporaneidade hoje em dia é sinônimo de consumo. Vivemos em uma sociedade que o viés econômico predomina e tende a influenciar todos os setores. O consumo deixou de ser apenas material, tangido também àquilo não palpável. A própria cidade virou mercadoria, e como boa mercadoria, para ser vendida, precisa de um marketing urbano eficiente - revitalizações urbanas “homogeneizadas globalmente”, em busca do “padrão mundial de espaço público”. A busca pela identidade das cidades produz a sua própria imagem, seu slogan, sua atratividade perante tantas opções de lazer cultural urbano. (...) estaríamos diante de um tipo de internacionalismo da particularização,”
Berenstein

“Em que pese os conceitos ‘cidade’ e ‘patrimonialização’ que orientam esta mesa, terem sido definido e re-definido ao longo do século XX, atendendo, aos anseios dos diferentes grupos sociais, aos processos de democratização e às novas demandas do mercado, ainda vivenciamos, do meu ponto de vista, processos de patrimonialização incompletos. Isto é, temos uma legislação adequada, uma academia com reflexões pertinentes sobre as questões que envolvem o tema (e esta mesa é um exemplo), mas não conseguimos executar plenamente os projetos de salvaguarda do patrimônio ou mesmo de desenvolvimento urbano, aprisionado em geral pelo poder do capital especulativo e imobiliário e pelas administrações sem competência para a gestão pública.”
Teixeira, 2012

durante processo, teve como consequência mais visível a gentrificação da área.

É preciso uma maior reflexão sobre o patrimônio urbano e as suas revitalizações para que suas complexidades sócio-espaciais também sejam contempladas no lugar de promover gentrificação e segregação na cidade.

As revitalizações devem ser pensadas então a partir de duas perspectivas: “a respeito das transformações sociais globais na escala local e as características sócio-espaciais sobre as quais aquelas se desenvolvem” (Bidou-Zachariassen; 2003). Atentando-se aos seus lugares antropológicos, lugares identitários, históricos e relacionais, fomentadores de relações e memórias.

Imagem 09: skyline atual da cidade de Barcelona depois da transformação no bairro Poblenou em centro empresarial voltado para a indústria criativa.
fonte: Suzen, N. em panoramio.com.br

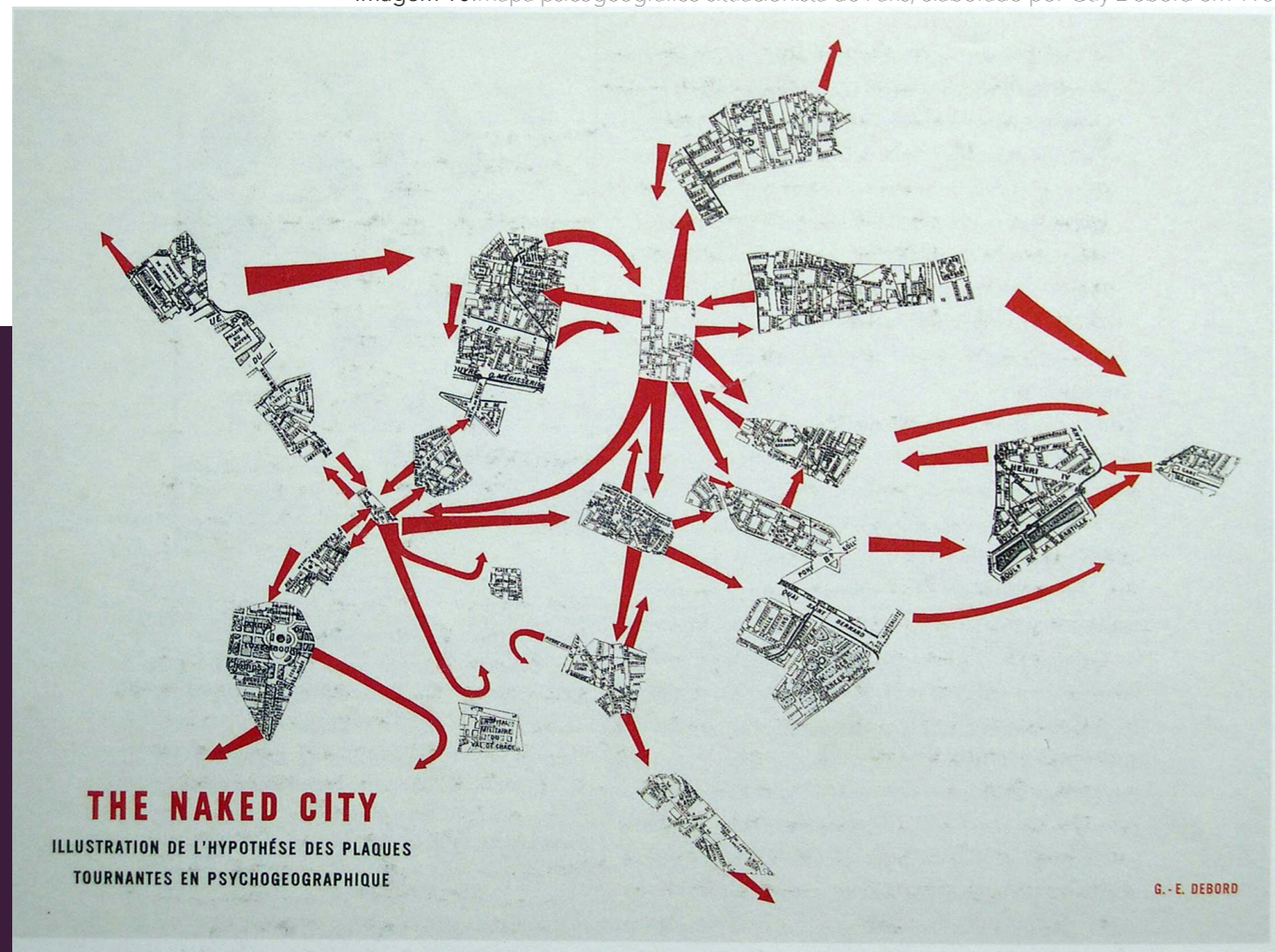


ESPETACULARIZAÇÃO URBANA

sobre a

"O espetáculo é o capital em tal grau de acumulação que se torna imagem"
DEBORD, 1967

Imagem 10: mapa psicogeográfico situacionista de Paris, elaborado por Guy Debord em 1957



Na década de 60, os situacionistas se apropriaram do conceito da sociedade do espetáculo desenvolvido por Guy Debord em seu livro *A Sociedade do Espetáculo*, 1967. Como participantes de movimentos de contra-cultura, criticavam a "espetacularização cultural (processo que se intensifica a partir da globalização da economia).

"A crítica situacionista - que possui raízes na "Crítica da vida cotidiana" de Henri Lefebvre e vai ter reflexos nas teorias de pensadores como Michel de Certeau e Jean Baudrillard, entre outros - continua ainda hoje pertinente, sobretudo se pensarmos na patrimonialização das cidades como uma "espetacularização" patrimonial, ou seja, uma transformação de patrimônios urbanos em cenários comerciais, através de uma pasteurização dos projetos de revitalização. E o antídoto situacionista, a participação social, também poderia ainda ser rediscutida, uma vez que essa "espetacularização" do espaço urbano tende a ocorrer quando não há uma apropriação efetiva desses espaços preservados pela população local, principalmente por causa do processo de gentrificação."
Berenstein, 2008

O tombamento é um meio legislativo de garantir a preservação de patrimônios materiais e imateriais, mas sem a participação popular, e a apropriação do bem tombado, o patrimônio perde sua função e seus porquês.

Desde o pós-revolução Industrial a questão da imagem, vinculada ao consumo se torna cada vez mais enfática, enraizada e a cidade não fica de fora dessa questão. O consumo abrange bens imateriais, como as simbologias de um lugar (Cavém, 2007).

O que percebemos atualmente é a homogeneização global dos espaços urbanos, sua "pasteurização" (Berenstein). As cidades acabam não sendo reconhecidas pela população, intensificando a perda das experiências urbanas e o abandono da cidade por ela.

"Teríamos três momentos que poderíamos chamar de espetacularização urbana: o inicial, de embelezamento ou modernização das cidades, em que se começa a moldar as imagens urbanas modernas, em seguida se começa a vendê-las como simulacros, - o caso de Las Vegas estudado por Venturi é clássico; e hoje o que se vende é a imagem de marca da cidade e, mais do que isso, consultorias internacionais de marketing urbano que visam criar novas imagens de marca de cidades que utilizam a cultura como fachada tanto para a especulação imobiliária quanto para a própria propaganda política em tempos de eleições."
BERENSTEIN, 2005

sobre

CIDADE E CONTEMPORANEIDADE



Imagem 11: edifícios verticais que fogem à escola humana, tido por muito tempo como característica de modernidade e desenvolvimento

fonte: Romain Jacquet-Lagrece



Imagem 12: intervenção artística 1000 lire market, de Surasi Kusolwong na cidade de San Gimignano, Itália. Uma ação efêmera que pretende incentivar o relacionar das pessoas entre elas e com o espaço urbano.

fonte: www.slashseconds.org

"Por fim, agradeço aos errantes urbanos e, também, aos praticantes ordinários das cidades, homens lentos e sujeitos corporificados que resistem, insistem e sobrevivem nas cidades, afirmando várias narrativas, sonhos e desejos urbanos [...] Assim, as narrativas urbanas resultantes dessas experiências realizadas pelos errantes, sua forma de transmissão e compartilhamento, podem operar como potente desestabilizador de algumas das partilhas hegemônicas do sensível e, sobretudo, das atuais configurações anestesiadas dos desejos."

BERENSTEIN, 2012

A cidade é reflexo da sociedade, seu modo de viver e do seu modo de produção. "Nós moldamos a cidade e ela nos molda" (Jan Gehl). Suas mudanças transformam a maneira como nos relacionamos entre nós e com o espaço.

A sociedade contemporânea, no geral, perdeu a capacidade de relacionar-se no (e com o) contexto urbano. As experiências de alteridade foram perdidas, Giorgio Agamben (filósofo italiano) diz até em "destruição da experiência na contemporaneidade". Em seu livro "Elogio aos errantes", Paola Jacques Berenstein atribui a capacidade de apropriação dos espaços urbanos na contemporaneidade a "seus" errantes e praticantes ordinários.

A cidade contemporânea pode ser vista como um palco aberto, pronta para receber diferentes intervenções que além de transformar a si própria, transformam o modo como nós vemos o espaço urbano e como ele nos influencia. No entanto, a experiência urbana cotidiana encontra-se automatizada. "Desautomatizá-la", seria um ação de resistência dos espaços públicos, sua vitória como espaço de socialização sobre os não-lugares, os lugares de trânsito, cada vez mais característicos da cidade contemporânea.

"A cidade não é apenas um sistema de objetos, de signos, e sim um centro onde se desenvolvem as relações pessoais, ou seja, um centro de afetividades. Com o desenvolvimento da indústria, a cidade se torna funcional à produção e ao mercado, que reorganiza o espaço urbano como estrutura de serviço às empresas e assim a identidade afetiva da cidade é jogada às margens. [...] A cidade se transforma em um sistema de objetos abstratos, acabando definitivamente com a possibilidade de se transformar em espaço no qual se realiza a 'identidade-afeto-emotiva' de uma coletividade. O ambiente social, que é a esfera das relações interpessoais constituintes da identidade de uma coletividade, desaparece frente ao processo de mercantilização.

A cidade vira um aglomerado urbano."
BARCELONA, 2006

sobre

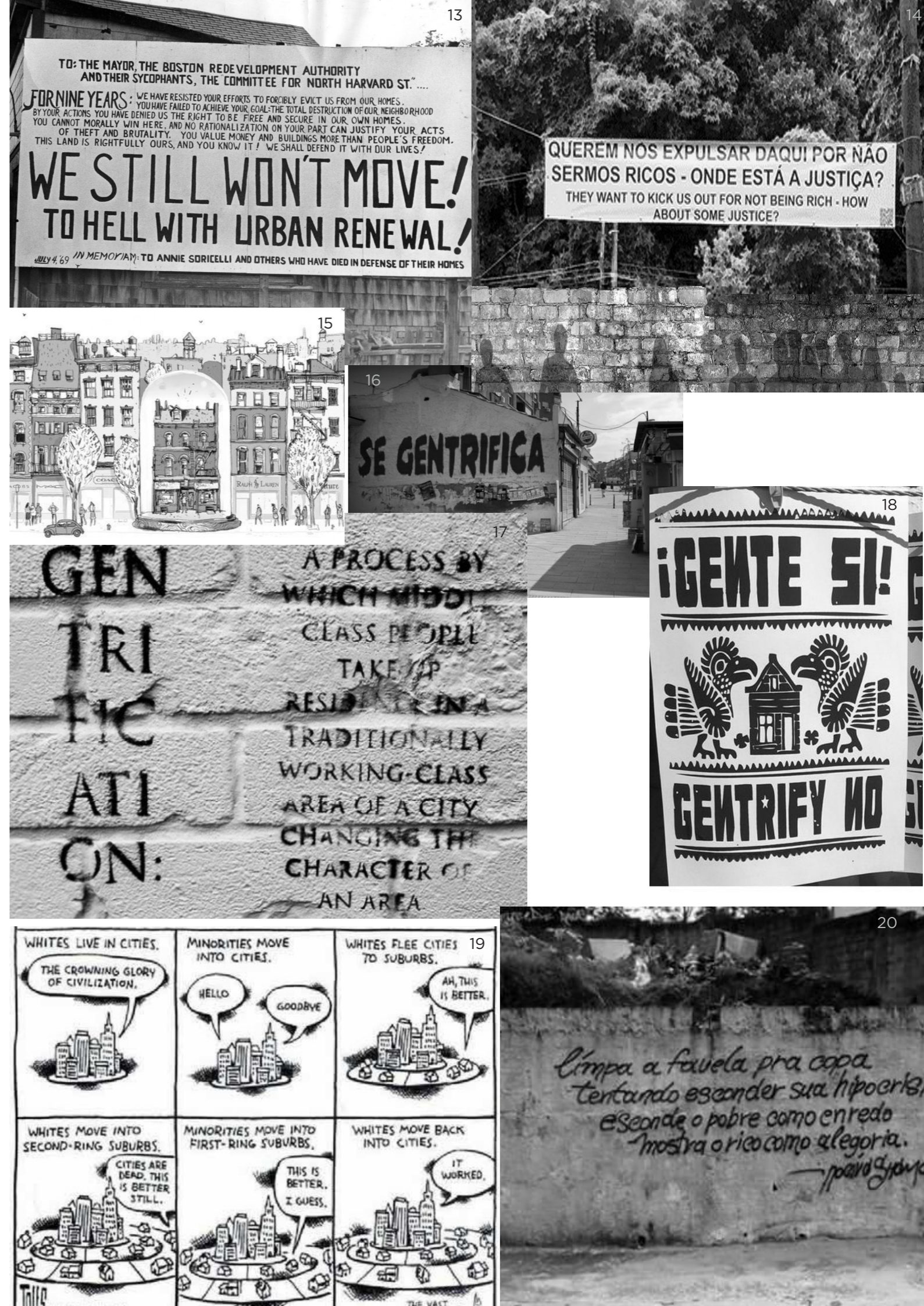
GENTRIFICAÇÃO

O fenômeno de gentrificação é inerente à cidade contemporânea causado pelo investimento de capital. Sabe-se também que diversos casos de revitalizações de centros históricos promovem esse fenômeno, justamente por não haver a preocupação do poder público em efetivamente protegê-lo disso.

De acordo com os trabalhos realizados pelo escritório de arquitetura do dinamarquês Jan Gehl (comprometido em criar cidades mais humanas, seja em suas relações ou em suas escalas) para evitar esse processo além da participação popular no processo deve haver um controle rígido através do cadastramento de famílias e comércios locais, medidas que buscam a sua permanência. Como exemplo, no projeto realizado por Lina Bo Bardi, Marcelo Ferraz e Marcelo Suzuki para a revitalização do Pelourinho, em Salvador, a equipe preocupou-se em realizar esse cadastramento justamente para evitar esse fenômeno.

fontes:

- Imagem 13. charlesviewcommunity.org
- Imagem 14. depoisdachuvauuff.blogspot.com
- Imagem 15. newyorktimes.com
- Imagem 16. correardconsultoriaimobiliaria.blogspot.com
- Imagem 17. newafricanmagazine.com
- Imagem 18. blogovin.com
- Imagem 19. wonkword.wordpress.com
- Imagem 20. 1001pichacoes.tumblr.com



o exemplo de

SALVADOR

No final dos anos 1980, a arquiteta Lina Bo Bardi foi convidada pelo então prefeito de Salvador Mário Kertész, para a elaboração de um Plano de Revitalização para o centro histórico da cidade.

"Portanto, de cara, tínhamos que descartar o termo "revitalização", uma vez que vida ali não faltava. E "com que força", continuava Lina: 'prostituição, bebida, drogas e crime, quer coisa mais viva?'"
Ferraz, 2008

Lina, juntamente com Marcelo Ferraz e Marcelo Suzuki elaboraram um plano regulador onde a preocupação com as questões sociais e a sutileza das intervenções era latente.

"Ela sempre atuou para respeitar a alma popular e dar condições para que as pessoas ali morassem. As obras estão situadas em vários pontos do centro justamente por esse cuidado com os vários locais que precisam dessa intervenção cuidadosa. Era um outro urbanismo, preocupado com o social. Tem uma expressividade muito grande por agregar toda a carga histórica do lugar e da Lina".
Zollinger

O projeto foi estruturado em experimentações piloto, que tinham por objetivo agregar uma nova dinâmica aos espaços abandonados ou degradados e buscavam a reestruturação rápida dos mesmos. Foram desenhadas propostas para: Casa do Benin, a Casa do Olodum, a Ladeira da Misericórdia, o Solar do Unhão, o Teatro Gregório de Matos e o Belvedere da Sé. A pontualidade das intervenções ao longo da área, é reflexo de uma análise apurada de suas necessidades de acordo de as questões históricas, espaciais e sociais específicas do lugar.

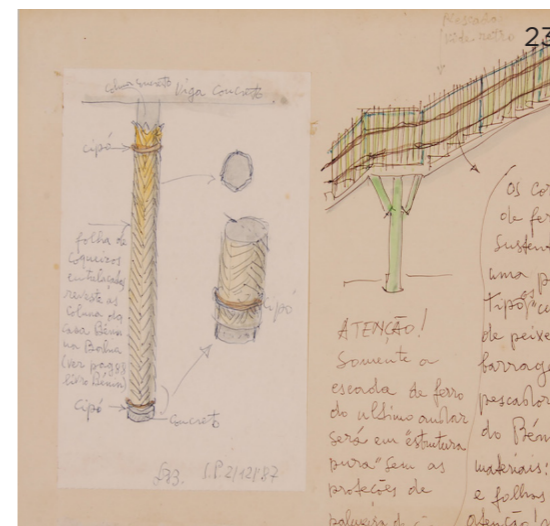


Imagem 21. Planta de intervenções propostas no centro histórico de Salvador, por Lina Bo Bardi, Marcelo Suzuki e Marcelo Ferras. fonte: Henrique Luz em linabobarditogether.com

Imagem 22. Lina Bo Bardi no Solar do Unhão em Salvador. fonte: g1.globo.com.br

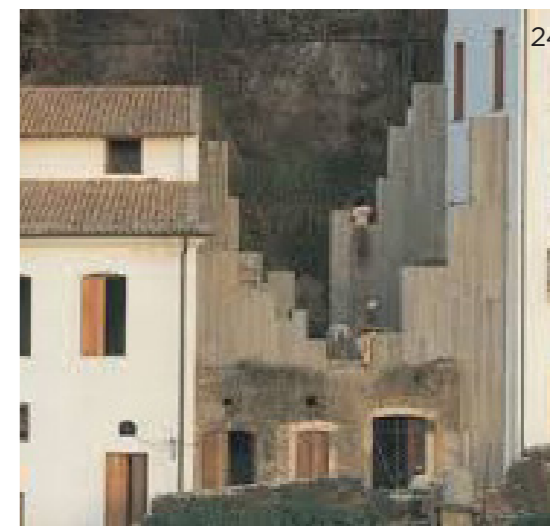


Imagem 23. Desenhos da proposta de intervenção na Casa Benin. fonte: Henrique Luz em linabobarditogether.com

Imagem 24. Uma das poucas intervenções realizadas, a Ladeira da Misericórdia. fonte: docomomo.org

Em relação à população residente - marginalizada pela sociedade - o projeto contou com o cadastramento de todas as famílias (para controle da gentrificação pela especulação imobiliária). A ideia era manter a maior quantidade possível dessas famílias habitando no lugar. Com o cadastramento, o projeto previa que, ao serem restauradas as casas em situação de ruína na época, iria-se transformando-as em habitações plurifamiliares que seriam atendidas a partir do critério sócio-econômico e por assim conseqüentemente, como um "efeito dominó". Sendo que, no térreo dos casarios, deveria existir um comércio ou serviço a ser tocado por um dos residentes.

De toda a proposta, apenas algumas intervenções foram executadas (como o da Ladeira da Misericórdia) e o restante do projeto foi engavetado. Sendo, no início dos anos 90, anunciada a execução de outro plano de recuperação para área. Este segundo projeto pautado no incentivo ao turismo, como tentativa exasperada de melhoria na questão da degradação física e alavanque econômico. A consequência foi justamente a gentrificação e espetacularização do centro histórico de Salvador, hoje um grande cenário "para turista ver".

PARTE II

CONCEITOS · DIRETRIZES · MÉTODO

conceitos

CIDADE CONTEMPORÂNEA

A cidade já foi caracterizada principalmente por ser o espaço de troca e vivência de experiências. Teóricos contemporâneos, dentre eles historiadores, filósofos e antropólogos buscam entender as mudanças físicas do espaço urbano na contemporaneidade decorrente dessa transformação do modo de viver da sociedade. Dentre eles, os conceitos que mais embasaram o desenvolvimento da proposta foram: a diferença entre urbis e cidade; os não-lugares e semi-lugares; os terrain vagues (esses três primeiros na verdade se fundem e se complementam); e a estética do vazio.

URBIS x CIDADE - conceito o qual faz distinção entre o espaço urbano das relações, das trocas latentes e experiências coletivas, e o espaço urbano marcado pela forma acelerada do viver.

NÃO-LUGARES: O antropólogo Marc Augé, em seu livro Não-lugares: uma introdução à supermodernidade reflete sobre espaços urbanos marcados pela ausência. Ausência de história, de identidade. Espaços esses nomeados de não-lugares e proliferados pelas cidades a partir do processo de globalização e homogeneização dos espaços. São lugares com os quais não se mantém, ou produz, cotidianamente relações, lugares vazios em sentimento e em uso, por mais que sejam altamente densos de pessoas.

TERRAIN-VAGUE: Ignasi de Solà-Morales, historiador da arquitetura catalão, foi o teórico que conceituou o termo francês terrain vague. Segundo ele, são eles também espaços estéreis, mas principalmente pelo seu caráter de desuso. Espaços colocados à margem do interesse econômico da cidade, áreas que perderam sua função e tornaram-se obsoletas, transformando-se facilmente em guetos de degradação social, urbana e ambiental.

ESTÉTICA DO VAZIO: Teoria também desenvolvida por de Solà-Morales como crítica à atuação funcionalista do urbanista na cidade contemporânea. Defende a necessidade de uma estética do vazio ao criticar a "necessidade de encher o vazio de ícones", descrevendo isso

"Trata-se de espaços subutilizados com mais significado passado do que presente, peças do interior de uma cidade que ainda se encontram fora da lógica utilitarista organizacional. Constituem um modo diverso de caracterizar a arquitetura por meio da ausência, da subutilização, do abandono"
SOLÀ-MORALES, 2002



Imagem 25: não-lugares: espaços estéreis independentemente da intensidade da presença humana
fonte: agenciabrasil.ebc.com.br



Imagem 26: terrain vagues - áreas remanescentes do sistema viário urbano. Foto de Florianópolis, na cabeceira da entrada da ponte Colombo Sales, um espaço sem nenhuma forma de interação devido à sua localização e acessibilidade comprometida.
fonte: lugaresesquecidos.com.br

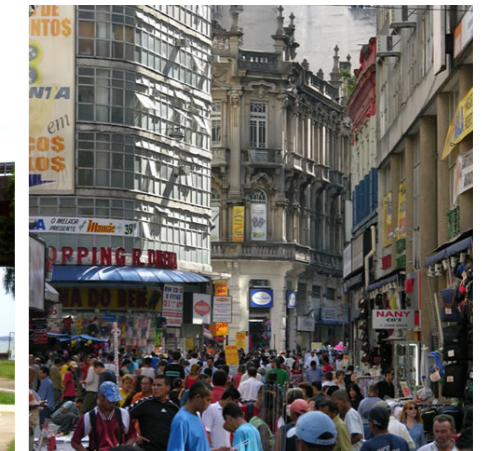


Imagem 27: centro da cidade de São Paulo atualmente. Predominado pelo caráter comercial, o espaço perde a capacidade de se relacionar com o transeunte, que só passa por ele.
fonte: smdu.prefeitura.sp.gov.br

como a "colonização do espaço pela arquitetura". Para ele, os terrain vague são os espaços de resistência da cidade contemporânea, espaços que representam a forma da ausência na mesma. A partir dessa teoria de Solà-Morales faz uma apologia ao vazio na cidade contemporânea. Justamente por esses espaços possibilitarem formas de apropriação diversas, por culturas urbanas diversas, fazendo da cidade um espaço mais democrático. Essas apropriações eventuais e diversificadas tem o potencial de transformar o terrain vague, então um não-lugar, em um meio-lugar (Augé).

"Se vê necessário então, um olhar diverso, um olhar sensível de um fazer efêmero, de um fazer que não alimente essa profusão de informações e materialidades que temos hoje em dia. Uma antítese à prática do "fazer a mais", do adicionar, do sobrepor, do entre-por. Uma reformulação sobre a estética do vazio, o prazer do silêncio."
Rosa, 2006



Imagem 28: intervenção urbana nos pátios internos das quadras no centro histórico de Montpellier para o Festival Des Architectures Vives de 2012. Obra 'Cite surprise, Cite surprenante', por Trio-oh! Ateliers. fonte: designboom.com

1

A potencialidade do vazio na cidade contemporânea

A sua capacidade de se transformar de um não-lugar para um meio-lugar (Augè)

De acordo com os estudos e conceitos abordados anteriormente foram definidas as seguintes diretrizes teóricas para elaboração da proposta.



Imagem 29: mapa do Festival Des Architectures Vives de 2012 em Montpellier. O festival é realizado anualmente nas cidades francesas de Montpellier e La Grande Motte. A partir de instalações efêmeras ao longo do tecido urbano o evento incentiva o caminhar e o (re)descobrir a cidade. fonte: designboom.com

2

O caminhar como forma de se relacionar com o espaço

O caminhar como instrumento de experimentações e investigações urbanas, como modo de dar corpo às ambiências urbanas.

"(...) o que se quer é indicar o caminhar como um instrumento estético capaz de descrever e modificar os espaços metropolitanos que muitas vezes apresentam uma natureza que ainda deve ser compreendida e preenchida de significados, antes que projetada e preenchida de coisas."

Francesco Careri



Imagem 30: intervenção urbana realizada pelo escritório Gehl Architects no Distrito da Universidade de Philadelphia, Estados Unidos, nomeada de 'The Porch' (A varanda). Nas proximidades de uma grande estação de trem, a intervenção mudou completamente o espaço urbano incentivando a permanência das pessoas, a apropriação popular e a realização de eventos. Sendo hoje nomeado como um dos "espaços públicos mais vibrantes de Philadelphia".

fonte: www.artplaceamerica.org

3

Vivibilidade Urbana. retorno do ânimo à cidade

Um espaço que permite o estar, o encontro urbano; um espaço com vida própria; dinâmico; feito para as pessoas; democrático, acessível.



Imagem 31: ilustração do projeto piloto realizado pelo escritório Gehl Architects do Largo São Francisco em São Paulo. A busca para tornar esse espaço mais humano, e garantir segurança e conforto àqueles que o utilizam. fonte: gehlarchitects.com

Imagem 32: antes e depois da intervenção do Gehl Architects na Avenida Broadway, Nova York fonte: gehlarchitects.com

Para a realização da leitura urbana, espacial e social da área foi utilizado como referência os planos realizados pelo escritório Gehl Architects (referência em projetos urbanos contemporâneos para cidades que buscam incentivar a vivibilidade urbana e a escala humana na cidade, visando agregar qualidade de vida ao local).

Recentemente, o mesmo escritório foi responsável pela elaboração de planos pilotos para o novo Plano Diretor Estratégico da Cidade de São Paulo, lançado em julho de 2014.

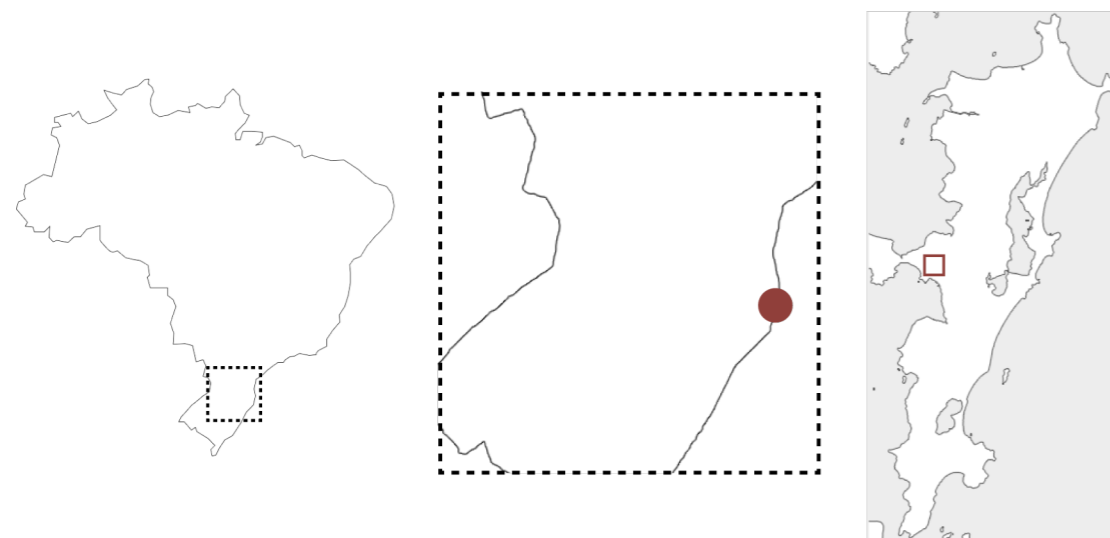
Além do planejamento da cidade de São Paulo, o escritório guiou o plano de diversas cidades pelo mundo, muitas delas internacionalmente conhecidas como cidades de boa qualidade de vida urbana, como Melbourne e Copenhague, e outras grandes cidades que estão investindo em qualidade de vida urbana, como Istambul.



"Another city I like very much is Venice because it was built for people and it has never been rebuilt to accommodate the automobile. So there you can still see people moving about and greeting each other. There are many more conversations in Venice than in any other city I know. To me, it's a very human city where people are everywhere and the sound of people is everywhere—as opposed to Chicago, where the sound of automobiles is everywhere."
Gehl

PARTE III

ESCOLHA DO LOCAL • OBJETIVOS



O LOCAL

Este trabalho tem como lugar de intervenção o centro histórico de Florianópolis, mais precisamente o recorte do setor leste, região conhecida como bairro da antifa Pedreira. Uma das primeiras regiões da então Ilha Nossa Senhora do Desterro a ser urbanizada. Um bairro marcado pelo "esquecimento" no que tange à investimentos públicos, tanto para a preservação de sua paisagem urbana histórica, como para melhorias de infra-estrutura e de seu espaço público.

Imagem 33: vista aérea do centro de Florianópolis antes do aterro, data desconhecida.
fonte: arquivo pessoal de Adolfo Nicolich da Silva



BREVE HISTÓRICO



Imagem 34: obra de canalização do Rio da Bulha, 1921, época marcada na Ilha de Florianópolis pelas reformas sanitárias e obras de modernização.
fonte: arquivo pessoal de Adolfo Nicolich da Silva



Imagem 35: 1904: vista da então Rua Augusta e seus casarios históricos (hoje calçada da João Pinto). Em primeiro plano o edifício do então Tesouro do Estado
fonte: arquivo pessoal de Adolfo Nicolich da Silva

A povoação da Ilha de Santa Catarina por imigrantes europeus - principalmente Açorianos - se deu desde meados do século XVI, e foi impulsionada principalmente pela sua localização e geografia estratégicas. A formação de baías e enseadas era favorável à navegação. O núcleo em si no povoado, começa a ser erguido em 1678, por iniciativa do bandeirante paulista Francisco Dias Velho, às margens do mar na península central da Ilha. Em 1726, o povoado foi elevado à Vila e com isso foram erguidos os dois "símbolos da soberania e da organização político-administrativa portuguesa" (PIAZZA, Walter F.), o pelourinho e a Câmara Municipal. Em 1730 o "pequeno núcleo populacional foi reconhecido como capaz de alguma organização" (VEIGA, 1990).

Com construção da Igreja Matriz em 1749, o núcleo urbano começou a se desenvolver nessa região e nas proximidades da orla, onde o relevo é menos acidentado. As construções eram alinhadas às ruas estreitas que, partiam do largo da Igreja em direção às fontes d'água. Estando uma delas na região da Pedreira, "na rua Saldanha Marinho, na altura do antigo Instituto Estadual de Educação" (VEIGA, 1990). Outros fatores que influenciaram a sua consolidação e desenvolvimento como núcleo urbano central eram a proximidade com o forte, com o quartel e com o hospital.

Possuía tipologias edificáveis simples, a região "manteve-se por algum tempo ocupada por "moradinhas" e cortiços, que só desapareceram com as medidas de saneamento urbano adotadas no final do século XIX." (VEIGA, 1990). A tipologia de casarios desapareceu, e a maioria das ruas adquiriu uma tipologia de sobrados com térreo comercial e habitação no andar superior.

Desde essa época é marcado como um ambiente urbano com ausência de áreas verdes e vegetação, característica que traz até hoje. Outra memória urbana que ainda perpetua é sua malha viária, que ainda mantém seu traçado urbano original, bem como o calçamento em pedra, hoje tombado pelo Município.

A estagnação da região se deu por diferentes fatores que foram responsáveis por mudar sua dinâmica e vida urbanas. Ela perde força com o maior desenvolvimento do setor oeste, a par-



tir da criação do Porto do Desterro (na altura do prédio da Alfândega) e posteriormente com a construção da Ponte Hercílio Luz (que acabou impulsionando o desenvolvimento da cidade para as suas proximidades). Outros fatores mais recentes que influenciaram foi o transferimento do antigo terminal urbano para o atual TICEN e o fechamento do cinema de rua da João Pinto.

Em seu livro *Nossa Senhora do Desterro*, Cabral diz que essa área da cidade sempre foi vista como uma área dos excluídos socialmente, "A Pedreira, [...] foi, (sem desconsiderar a Figueira nem a Toca) o bairro mais sujo que jamais existiu em Nossa Senhora do Desterro. [...] Cortiços baratos e sem conforto. Lavadeiras. Marinheiros. Soldados. Mendigos. Mulheres de má vida. Gente de má fé. Toda uma favela a marginalizar um rio imundo." (CABRAL, 1979).

Essa situação, de certa forma, permanece até hoje seja pela sua degradação física, econômica ou pela presença de conflitos sociais. Física no que diz respeito à degradação e/ou abandono de seu patrimônio urbano e construído (histórico ou não); econômica devido à falta de investimentos e incentivo fiscal; e conflitos sociais pela intensa presença de pessoas em situação de rua, o que gera tensões com outros moradores e também comerciantes.

Por outro lado, é um bairro com muitas especificidades urbanas que o tornam único na cidade, como usos diversificados - preservaram-se algumas áreas residenciais no bairro e também usos educacionais, hoje em dia basicamente de ensino privado, já que a escola pública estadual Antonieta de Barros, que atendia 252 alunos das comunidades próximas, foi fechada em 2008, e o prédio que já abrigou a Escola Normal Catarinense e a Faculdade de Educação e Ciências Humanas da UDESC (FAED), acabou por se transformar em Museu da Escola Catarinense (MEC) em 2009; a presença de comércios e serviços populares (muitas vezes de propriedade dos próprios habitantes do bairro); suas formas de apropriação particulares; seu valor cultural e histórico; e a proximidade às infraestruturas urbanas.



- **P1** Imóvel a ser totalmente conservado, ou restaurado, tanto interna como externamente pelo excepcional valor Histórico, Arquitetônico, Artístico ou Cultural de toda a unidade.
- **P2** Imóvel partícipe de conjunto arquitetônico, devendo seu exterior ser totalmente conservado ou restaurado, mas podendo haver remanejamento interno, desde que sua volumetria e acabamento externos não sejam afetados.
- **P3** Imóvel adjacente a edificação ou a conjunto arquitetônico de interesse histórico
- vias com pavimentação tombada

obs - em 2014 o Novo Plano Diretor de Florianópolis foi aprovado, e nele consta todo o setor Leste inserido dentro da APC -1 (Áreas de Interesse Histórico-Cultural) Central. Até a presente data, nenhuma nova lista de edificações tombadas como P1 ou P2 foi divulgada, estando ainda vigente a lista do decreto de 1986.



ATUALMENTE...

Ao mesmo tempo que é uma área muito rica e diversificada, possui tantos outros desafios, como:

- * descaso com a integridade física do patrimônio construído;
- * forte presença de pessoas em situação de rua;
- * insegurança;
- * ausência de espaços públicos de parada;
- * poluição visual e intensa sobreposição de signos;
- * presença dos carros em vias com dimensões que não suportam tráfego intenso;
- * passeios em péssimas condições;
- * pavimentação histórica desnivelada, prejudicando a mobilidade;
- * perda de uma identificação cultural a partir da relação que a área tinha com o mar antes da execução do aterro;
- * edifícios abandonados e lotes ociosos;
- * pressão imobiliária;
- * estagnação econômica, física e social.

Devido à situação atual a Prefeitura Municipal de Florianópolis, desde 2013, vem incentivando eventos nessa área que fomente a sua apropriação pela população. Como o Projeto Viva a Cidade, que transforma as ruas do bairro em uma feira de artes, antiguidades e artesanato a céu aberto e, concomitante à feira, a realização de shows e brechós nas ruas.

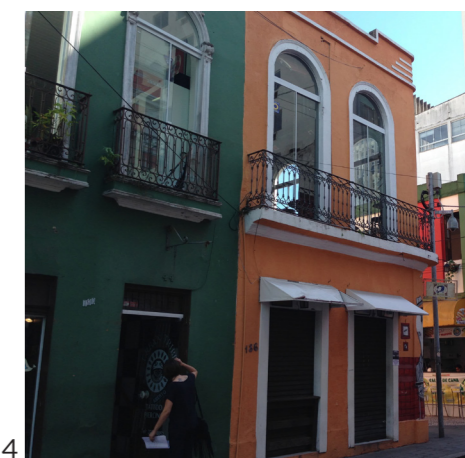
Em julho de 2015, paralelamente à essa incentiva, a prefeitura municipal anunciou a parceria público-privada que visa seu o desenvolvimento econômico. A parceria foi assinada com a empresa Sapiens, já responsável pelo núcleo de desenvolvimento econômico Sapiens Par-



42



43



44



45

Imagem 42 a 45: edificações históricas tombadas na região
42. Museu Victor Meirelles, a edificação mais antiga do bairro de 1810
43. Kibelândia. edificação de 1914. Além de patrimônio material, abriga um bar tradicional do centro de Florianópolis e intenso uso da rua nos horários de funcionamento.

44. conjunto de sobrados da Travessa Ratcliff
45. antiga sede do clube de Remo Martinelli
fonte: arquivo pessoal

que no norte da Ilha de Florianópolis. O projeto almejado para o centro histórico de Florianópolis é denominado Centro Sapiens, e tem como objetivo o desenvolvimento econômico da região a partir do incentivo à indústria criativa e ao turismo, em nota oficial foi dito:

“Anunciado em julho pelo prefeito Cesar Souza Junior, durante a apresentação do programa ‘Florianópolis Enfrentando a Crise’, o projeto Centro Sapiens será lançado na próxima segunda-feira (14), às 14 horas, no Museu da Escola Catarinense. A iniciativa da Prefeitura busca a revitalização da parte leste do Centro Histórico de Florianópolis, por meio de conceitos que irão motivar a instalação de start-ups de jovens empreendedores no espaço. (...) ‘Será um bairro inovador, que buscará atrair empreendimentos criativos de design, turismo, gastronomia, artes, moda e tecno-

logia’, informou.”

O projeto prevê a recuperação dos prédios históricos e abandonados para que recebam as novas start ups, espaços de coworking, implementação do Museu da Cidade, incentivo à gastronomia voltada ao turismo, a continuação de eventos de apropriação da área, isenção de IPTU para novas empresas que se instalarem na região, buscando transformar “o centro histórico em um pólo de inovação voltado ao turismo, gastronomia, arte, design e tecnologia” - IPUF.



46 - imóveis em péssimo estado de conservação e vazios
47 - imóvel tombado sem uso
48 - vista do calçadão da João Ponto, na esquina a sede da Instituição Arco-Iris

49 - vista da rua Saldanha Marinho, térreo murado na esquerda prejudica a vivibilidade urbana
50 - trânsito de veículos em via estreita e tombada
51 - estacionamentos de carros e sobreposição de signs prejudicam a percepção da paisagem urbana

fonte: arquivo pessoal



Pontos integrantes do Centro Sapiens

Projetos do Centro Sapiens

1. Definição de Conceito e Estratégia do Projeto "Centro Sapiens".	2. Plano urbanístico e viário macro do espaço a ser desenvolvido.	3. Infraestrutura do Centro Sapiens. Urbanização e sistema viário.	4. Estratégia e plano de turismo do Centro Sapiens.
5. Estratégia e plano de C&T&I do Centro Sapiens.	6. Viva Cidade	7. Centro de inovação de Design.	8. Coworking de Economia Criativa
9. Polo Gastronômico. Cidade Criativa UNESCO	10. Renovação do Museu Vitor Meireles	11. Implantação do Museu da Cidade	12. Valorização do Espaço do Miramar
13. Incubadora de Economia Criativa no Centro Sapiens.	14. Projeto IPTU Zero para Startups.	15. Estudo do potencial Imobiliário da região.	16. Estudo do Mix Comercial da região.

Imagens 52 e 53: propaganda do projeto Centro Sapiens da Prefeitura Municipal
fonte: pmf.sc.gov.br

Foi a partir dessa divulgação e das diretrizes de implementação que a minha proposta adquire a forma final. Por se tratar de um projeto pautado no desenvolvimento econômico e turístico da região, e por não ter incorporado à ele medidas de desenvolvimento social, nem incentivos à manutenção do comércio local, surge aos olhos o “potencial” do projeto em espetacularizar o bairro (assim como aconteceu com o recém restaurado Mercado Público de Florianópolis) e promover a gentrificação da área em diferentes graus ao longo dos anos. Essas consequências modificariam as características sociais e tipológicas que o bairro possui e que são tão importantes de serem mantidas quanto suas características históricas e físicas.

“Se olharmos para as tendências dominantes do design urbano em muitas cidades portuguesas verificamos que o espaço citadino está a ser trabalhado para favorecer as práticas turísticas e de lazer: ruas pedonais, ciclovias, frentes de água com esplanadas (modelo Expo’98), teleféricos, e muitas outras configurações espaciais do mesmo gênero.”
Peixoto, 2003

“Os “centros históricos” rehabilitados estão, em maior ou menor grau, a converter-se em palcos de sociabilidades espetacularizadas e de encenação da vida quotidiana, constituindo-se como uma espécie de nova realidade alegórica das cidades.”
Peixoto, 2003

OBJETIVOS

GERAL

Reinsere o centro histórico como um espaço ativo na cidade contemporânea. Para que ele não se torne um espaço congelado, musealizado, um cenário urbano.

ESPECÍFICOS

1. recuperação do ânimo urbano;
 - propor convites à apropriação urbana do centro histórico como maneira de incentivar a vivibilidade urbana e readquirir um ânimo na área;
2. preservar e incentivar as DIVERSIDADES no bairro;
 - morfológicas, tipológicas, históricas e de usos;
3. recuperação física e psíquica do lugar;
 - requalificação visual de suas paisagens urbanas;
 - evidenciar memórias urbanas (presentes e ausentes no inconsciente urbano);
 - valorizar as suas formas de apropriação atuais.

PARTE IV

PROPOSTA

"[...] o papel da arquitetura se faz inevitavelmente problemático. Parece que todo o destino da arquitetura tem sido sempre o da colonização, o pôr limites, ordem, forma, introduzindo no espaço estranho os elementos de identidade necessários para fazê-lo reconhecível, idêntico, universal. Pertence à essência mesma da arquitetura sua condição de instrumento de organização, de racionalização, de eficácia produtiva capaz e de transformar o inculto em cultivado, o baldio em produtivo, o vazio em edificado.

Desse modo, a arquitetura e o desenho urbano quando projetam seu desejo ante um espaço vazio, um 'terrain vague', parecem que não podem fazer outra coisa mais que introduzir transformações radicais, modificando o estranhamento pela cidadania e pretendendo a todo custo desfazer a magia incontaminada do obsoleto no realismo da eficácia. Utilizando uma terminologia usual na estética subjacente ao pensamento de Gilles Deleuze, a arquitetura estaria sempre do lado das formas, do distante, do óptico e do figurativo. Enquanto que, pelo contrário, o indivíduo, dissociado, da cidade contemporânea buscaria as forças em lugar das formas, o incorporado em lugar do distante, o áptico em lugar do óptico, o rizomático em lugar do figurativo. A intervenção na cidade existente, nos espaços residuais, em seus interstícios enrugados já não pode ser confortável nem eficaz tal como postula o modelo eficiente da tradição iluminista do movimento moderno."

Solà-Morales, 2002

Para promover essa vivibilidade urbana são propostos espaços públicos de parada na região e melhoria da relação entre edificações e a rua, favorecendo a escala humana e incentivando a permanência urbana.

Estimular a presença de "residentes ativos", capazes de desenvolver um sentimento de comunidade uns com os outros e com a cidade, exercendo assim sua cidadania. Propor usos e desenhos urbanos que não excluam as populações marginalizadas.

Junto a essas premissas, por se tratar de um centro histórico, é necessária a preservação de suas narrações; propiciar a visibilidade de seus patrimônios (materiais e imateriais) e de suas paisagens urbanas; e cuidar da sobreposição dos signos em seu contexto (como artigos publicitários, elementos de infra-estrutura, mobiliários urbanos, entre outros) que acabam por obstruir suas paisagens.

As intervenções foram pensadas com olhar às apropriações urbanas que já acontecem no local, aos seus atores (a fim de manter e incentivar suas atividades cotidianas e também usos informais consolidados do espaço), aos seus vazios e espaços negligenciados. São essas características que garantem sua identidade e espontaneidade. Buscando maneiras convidar o transeunte a estar nesse espaço urbano, a direcionar o seu olhar para o patrimônio histórico edificado. Induzindo ao andar pela cidade, como forma de se relacionar com ela.

O projeto foi desenvolvido em duas frentes: um Plano Regulador para o setor leste, e intervenções urbanas pontuais.

PLANO REGULADOR

O Plano de Medidas Regulares Urbanas aparece como forma de direcionar o planejamento e gestão da área de forma condizente às suas características históricas e sócio-espaciais (e não pautado em seu desenvolvimento econômico e incentivo ao turismo na região). As medidas propostas são necessárias para a permanência de suas especificidades e dinamismo.

- incentivar a diversidade de usos como: novas áreas de habitação (em lotes
- garantir a qualidade visual das paisagens urbanas
- incentivar a vivibilidade e a caminhabilidade urbana
- ressaltar o patrimônio histórico construído;

INTERVENÇÕES URBANAS

As intervenções surgem como convites à apropriações de seu espaço público, como forma de agregar uma nova dinâmica à eles. Por se tratar de um sítio histórico é primordial que sigam uma linguagem não invasiva nas paisagens urbanas.

- melhorar a relação entre as edificações e a rua/pedestre;
- promover o vazio urbano como áreas de parada e resistência à "arquitetura de colonização" (Solà-Morales) e incentivo à apropriação urbana
- ressaltar memórias "urbano-culturais" perdidas;
- ressaltar as apropriações urbanas e seus atores já existentes;

PLANO REGULADOR GERAL

SISTEMA VIÁRIO

As modificações propostas no sistema viário no bairro tem dois objetivos: promover a caminhabilidade no bairro e melhorar a qualidade visual de suas paisagens urbanas. Para isso propõe-se controlar a velocidade e tráfego de veículos; e extinguir os estacionamentos ao longo das vias dentro do perímetro do centro histórico. A retirada dessas faixas de estacionamento possibilita o alargamento dos passeios e a localização de novos mobiliários urbanos.



tipologias das vias atualmente

- vias de pedestres
- vias tradicionais

modificações propostas

- inserção de balizas para controle do acesso veicular no calçadão João Pinto para restringir o acesso à carga e descarga
- via COMPARTILHADA com velocidade máxima permitida de 30km/h
- ⊘ proibição do estacionamento ao longo das vias
- novas vias propostas para: acesso de veículos ao centro e acesso de ônibus nos terminais
- ⊘ estacionamentos subterrâneos
- ⊘ terminais de ônibus urbanos (BRT e circulares)

PERFIS DE VIAS

VIAS TOMBADAS

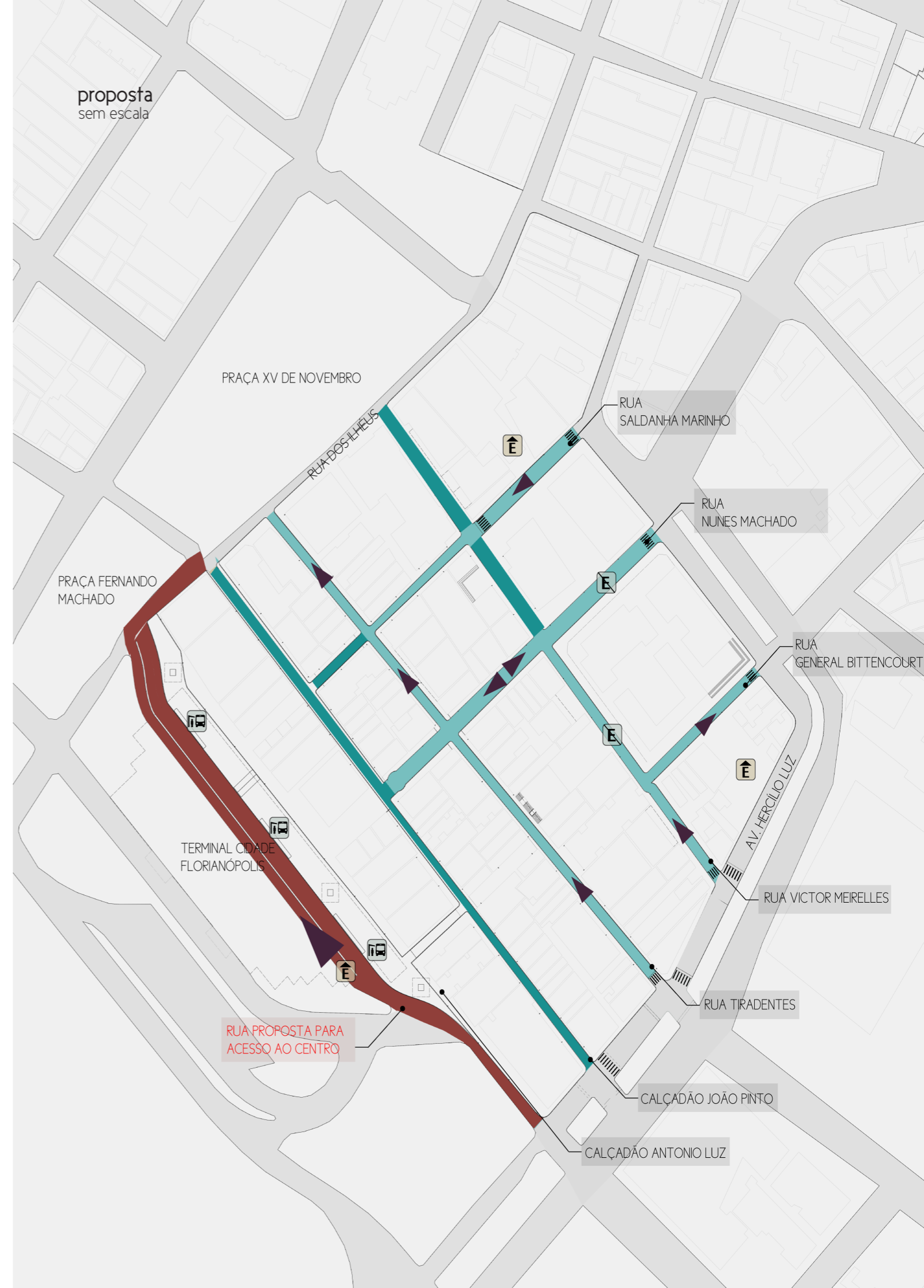
Permanecem com o mesmo perfil viário (passeios e via em desnível) como forma de evidenciar a memória de sua malha viária.

VIAS NÃO-TOMBADAS

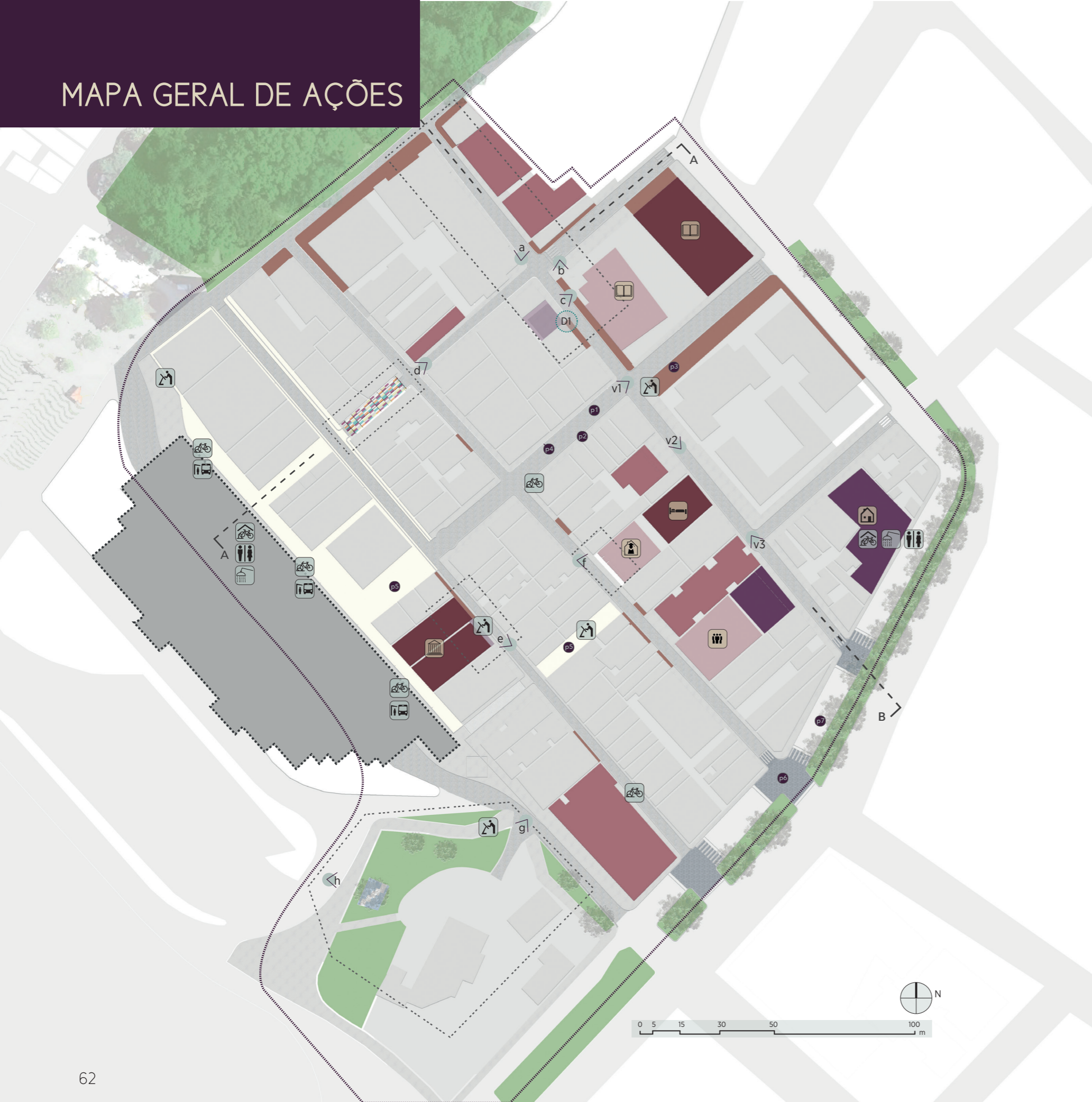
Nessas vias, como forma de evidenciar a intervenção contemporânea passeios e via ficam em um mesmo nível e também ganham mobiliários urbanos que possibilitam o estar das pessoas ao longo de seu percurso.

vias compartilhadas

As vias do perímetro estão propostas como vias compartilhadas. Isso porque acredita-se ser a tipologia de via mais favorável para um centro histórico. A inibição total do tráfego veicular poderia intensificar o esvaziamento da área. A partir do controle da velocidade, fixado o máximo em 30km/h, é incentivado o uso da via como alargamento dos passeios e por meios de transporte alternativos.



MAPA GERAL DE AÇÕES



tipos de intervenção no patrimônio construído

- tipo A** modificação de USO do edifício
objetivo: usos que promovam a dinâmica do bairro / melhorar questões sociais no bairro
- tipos de intervenção no patrimônio construído**
 - modificações físicas em caso de edificações P1 ou P2: Preservação e Restauro
 - em caso de edificações P3: modificações nas aberturas do térreo para incentivar a relação com a rua e pedestres
- tipo B** modificação de USO e MORFOLOGIA do térreo
objetivo: incentivar comércio / serviços e outros usos que incitem a ocupação da rua
- tipos de intervenção no patrimônio construído**
 - modificações físicas em caso de edificações P3: modificações nas aberturas do térreo para incentivar a relação com a rua e pedestres possibilita modificações internas
- tipo C** proposta de novos USOS às edificações em situação de abandono
objetivo: incentivar uso comunitário e habitação
- tipos de intervenção no patrimônio construído**
 - modificações físicas em caso de edificações P3: modificações nas aberturas do térreo para incentivar a relação com a rua e pedestres possibilita modificações internas

tipos de intervenção nos vazios urbanos/lotes sub-utilizados

- tipo E** afirmação do vazio existente como respiro do bairro
- tipos de intervenção nos vazios urbanos/lotes sub-utilizados**
 - modificações físicas em espaços públicos de parada permitir construir edificação com: afastamento que garanta uma mini-praça pública no térreo / gabarito condizente com o entorno / com boa relação com a rua (aberturas) / e de uso misto
- tipo F** afirmação do vazio existente como respiro do bairro
- tipos de intervenção nos vazios urbanos/lotes sub-utilizados**
 - modificações físicas

TERMINAL CIDADE FLORIANÓPOLIS

O terminal Cidade Florianópolis, inaugurado em 1988 foi construído sobre o aterro da baía Sul. Obra essa responsável pela perda do contato entre o centro da cidade e o mar. Atualmente utilizado por linhas executivas e intermunicipais, o terminal está mais para um grande estacionamento de ônibus, realidade que prejudica a paisagem urbana do bairro. Por ser uma imensa área cheia de veículos, não permitindo a sua apropriação, é um grande não-lugar, espaço de tráfego que não permite o relacionar-se com o espaço. Por outro lado, a sua presença garante um fluxo de pessoas na área que pode valorizar o bairro. A Prefeitura Municipal de Florianópolis anunciou recentemente o novo plano de Mobilidade Urbana, e neste, o terminal é parada da linha de BRT a ser instalada.

diretrizes para o terminal:

Manter a sua função de terminal urbano, porém com uma tipologia diferente, onde, a área destinada para os ônibus terminal é restringida a uma via de acesso e uma faixa para embarque e desembarque, devendo o restante da área embaixo da cobertura ser transformada em um espaço público que garanta qualidade urbana e visual à região, que permita o estar e a relação das pessoas com esse novo lugar.

equipamentos de infraestrutura urbana

- banheiro público
- banho público
- estação e bicicletário
- bicicletário - mobiliário urbano
- terminal de ônibus
- zonas de parada
- totens informativos

ILUMINAÇÃO URBANA

A proposta de iluminação urbana foi desenvolvida a partir de critérios estéticos e funcionais.

- * evidenciar o patrimônio urbano e o arquitetônico;
- * valorizar cenas urbanas;
- * proporcionar formas diferentes de perceber o espaço (dia x noite);
- * recuperar a área urbanisticamente degradada;
- * favorecimento dos pedestres;
- * segurança;
- * liberar o fluxo das calçadas das vias tombadas;

A proposta de iluminação conta com rede de distribuição subterrânea (RDS) e duas tipologias de suportes. Essas tipologias foram escolhidas de acordo com o caráter patrimonial de cada uma das vias (isso devido ao perfil mais estreito que as vias tombadas possuem).

Para a definição de espaçamentos e posicionamentos dos suportes foi utilizado como base o Manual de Iluminação Pública elaborado pela CEMIG (Companhia Energética de Minas Gerais) em 2012. O manual conta com capítulos específicos sobre projetos especiais que usam RDS e também de iluminação de centros históricos e valorização de patrimônio.

esquema iluminação urbana de acordo com a via
sem escala



64

VIAS TOMBADAS

Iluminação mais íntima e cenográfica, para isso são utilizadas lamparinas fixas nas fachadas e temperatura de cor baixa (até 3000K).

especificações

- * lamparinas fixas nas fachadas com h= 3,5m
- * espaçamento de aproximadamente 15m
- * posicionamento bi-lateral

VIAS NÃO-TOMBADAS

Por serem vias mais largas e querer diferenciar o ambiente urbano noturno daquele das vias tombadas são utilizados postes de altura baixa e temperatura de cor média (entre 3000K e 4000K)

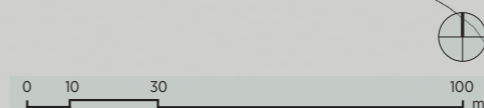
especificações

- * postes com h= 5m
- * espaçamento de aproximadamente 20m
- * posicionamento unilateral ao longo da via

ilustração da iluminação urbana



65

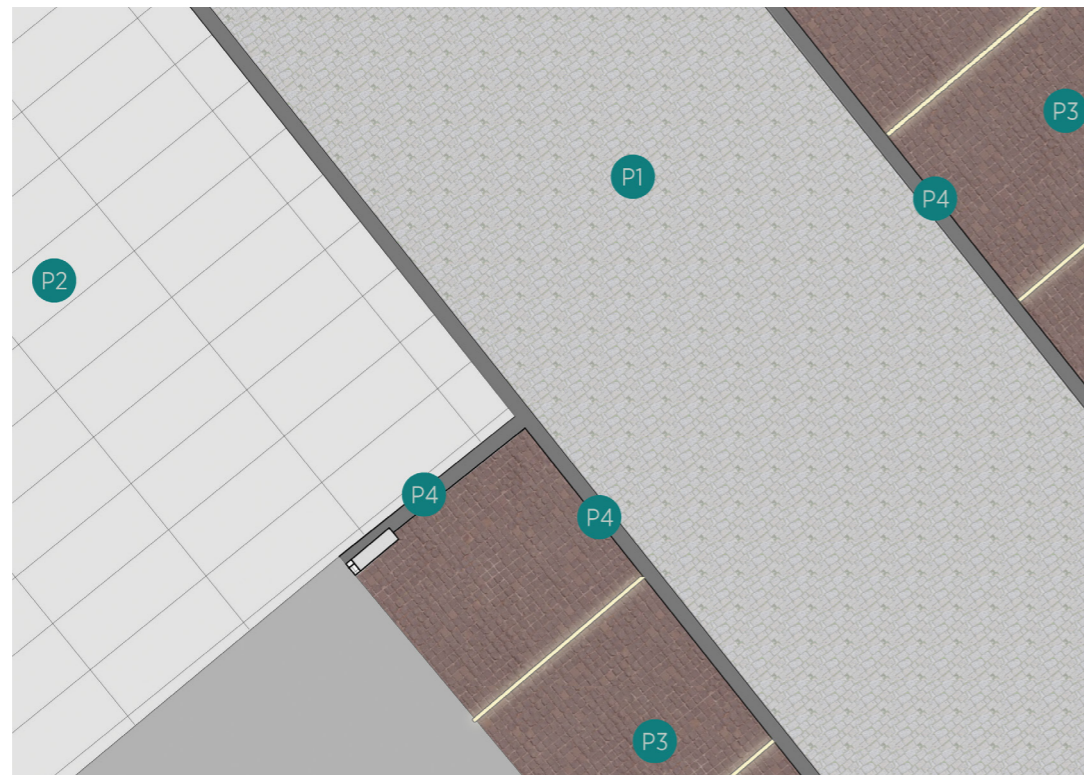


TIPOS DE PISO

Para os tipos de piso, foi pensando principalmente na acessibilidade e como valorização do patrimônio histórico edificado. Neste segundo caso, utiliza-se principalmente a variação cromática, entre a pavimentação em pedra das ruas tombadas, o piso proposto para os passeios, e o piso proposto de frente às edificações de interesse histórico.



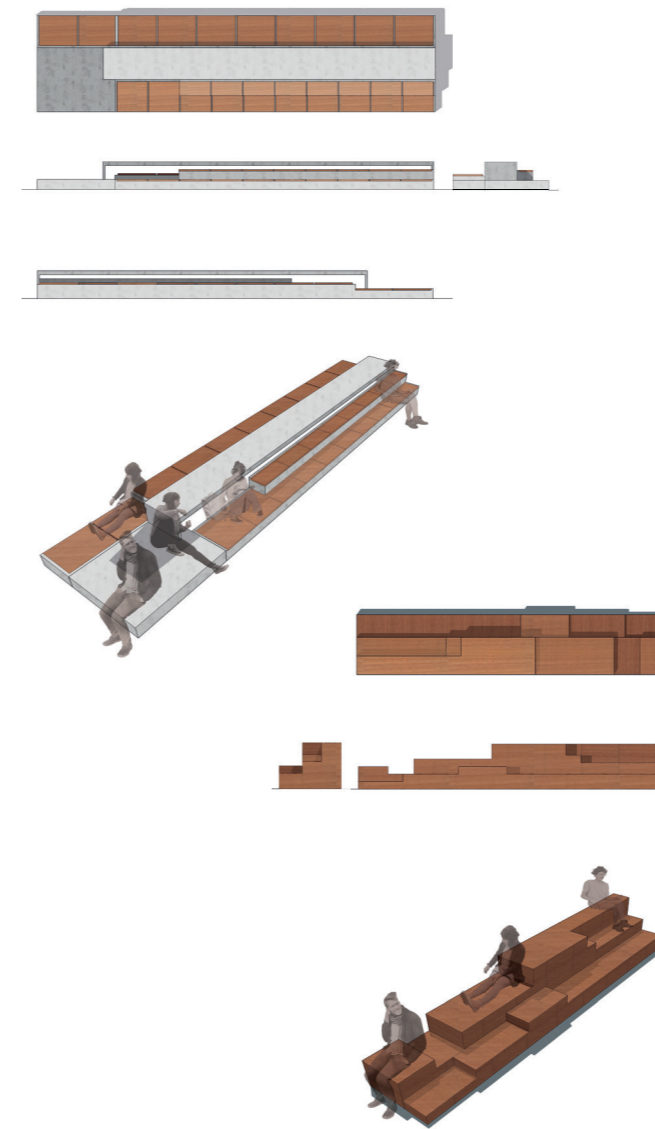
- P1** pavimentação tombada em pedra
- P2** placa pré-fabricada de concreto retangular em tom cinza claro
- P3** piso em pedra quadrado em tom amarronzado
- P4** meio-fio pré-existente
- P5** piso em pedra portuguesa existente
- P6** piso intertravado
- P7** asfalto existente



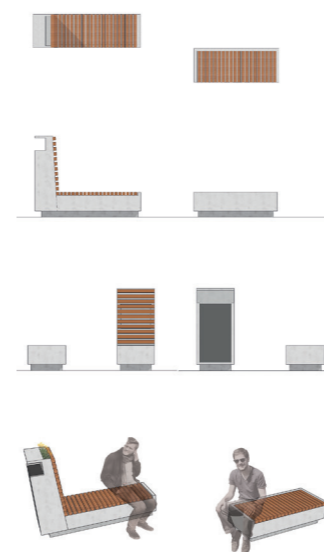
MOBILIÁRIO URBANO

A linguagem dos mobiliários urbanos foi pensada de modo a não chamar atenção no contexto histórico (geometria e materiais simples); e de modo a permitir usos diversos, por isso, nas intervenções foram priorizados arquibancadas, e tablados.

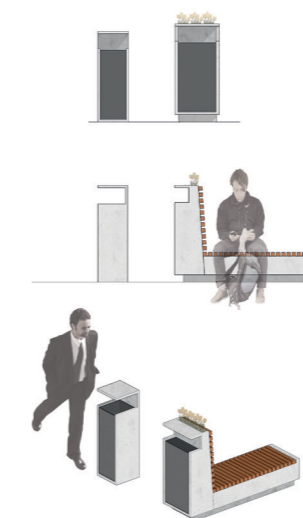
arquibancadas



bancos



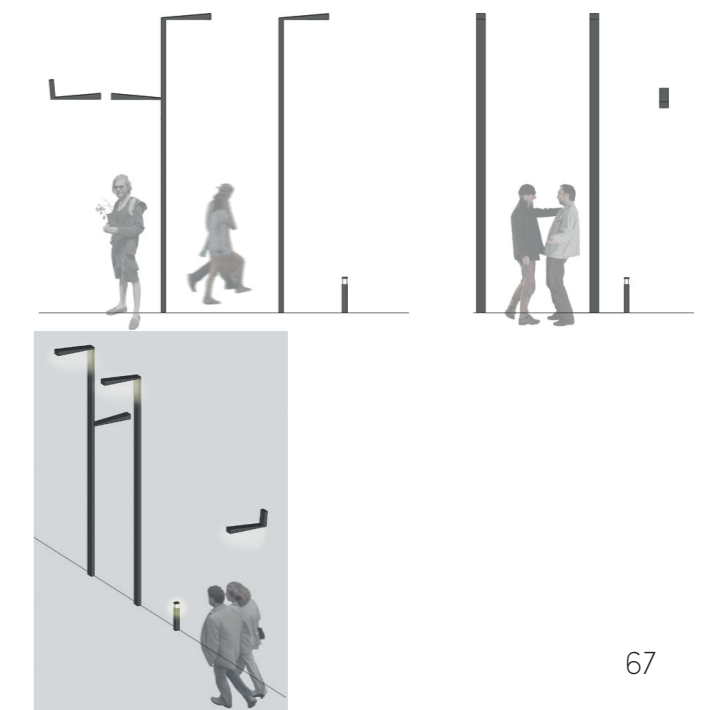
lixeiros



totem e bicicletário



luminárias





fonte: arquivo pessoal

RUA NUNES MACHADO

retirado a faixa de estacionamento ao longo das vias

fiação subterrânea de iluminação

nivelamento dos passeios em relação à rua

novos mobiliários urbanos

nova pavimentação dos passeios

novos postes de iluminação pública



v2

atualmente...



arquivo pessoal

RUA VICTOR MEIRELLES

croqui da via Victor Meirelles com vista para a Praça XV de novembro.
Remoção das grades instaladas posteriormente sobre os pilares originais, para garantir uma visual urbana mais limpa.



v3

atualmente...



google street view

RUA VICTOR MEIRELLES

croqui de utilização do terreno sub-utilizado (hoje é um estacionamento) como uma área de parada na rua Victor Meirelles



INTERVENÇÕES

Idealizadas como ensaio urbanos para os seguintes temas:

do espaço negligenciado à convites de apropriação

a.O Largo Victor Meirelles;

b.O esperar e o olhar;

c.O vazio;

f.Animo ao abandono

as intervenções urbanas como legitimadoras das apropriações locais

d.O lúdico urbano

o resgate de simbologias e memórias no centro histórico

e.Projeção de memórias;

g/h.A arte e o patrimônio



O recorte mais abrangente escolhido para intervir compreende o trecho da Rua Victor Meirelles desde a esquina com a Praça XV de Novembro à rua Nunes Machado, trecho o qual já é proibido o tráfego de veículos. São propostos 3 pontos intervenções ao longo desse caminho, o primeiro no Largo Victor Meirelles; o segundo e terceiros no Largo Antonieta de Barros na esquina da Escola Antonieta de Barros; e o terceiro no terreno ao lado da Kibelândia, hoje um estacionamento privado.



A proposta para o LARGO VICTOR MEIRELLES, é baseada em possibilitar a apropriação desse espaço e modificar a relação dos térreos das edificações com a rua e com o transeunte. Atualmente esse trecho é utilizado apenas como passagem, até mesmo nos sábados a tarde, quando a feira de Artes e Antiguidades anima o bairro. Isso acontece por o espaço não possuir nenhum atrativo como mobiliários e áreas de sombreamento.

Em relação ao patrimônio arquitetônico, esse trecho conta com 3 edificações de interesse patrimonial. O Museu Victor Meirelles, edificação mais antiga do bairro que foi casa do artista (construída em 1810, um sobrado típico da arquitetura luso-brasileira, com térreo voltado para o comércio e o pavimento superior a residência); o sobrado eclético na esquina com a Rua dos Ilhéus, que data de 1910; e, do outro lado da rua, o prédio dos correios, ícone da arquitetura Art-Deco em Florianópolis.

A proposta é a de transformar esse Largo em uma das portas do bairro, espaço que permita o estar urbano, e a apreciação de seu patrimônio construído. São feitas alterações de uso nos térreos dos edifícios entre os casarios tombados, os quais deverão ter uso que possibilite o acesso aberto à população (comércio e serviços) e as suas aberturas deverão garantir permeabilidade visual entre o edifício e a rua. Os mobiliários são distribuídos ao longo das calçadas, para não obstruir a visual em direção à Praça XV de Novembro nem as visuais para os edifícios do entorno. Para criar uma maior área de sombreamento no passeio, as marquises já existentes em 2 desses edifícios são prolongadas e alargadas.

atualmente...



arquivo pessoal



atualmente...



arquivo pessoal

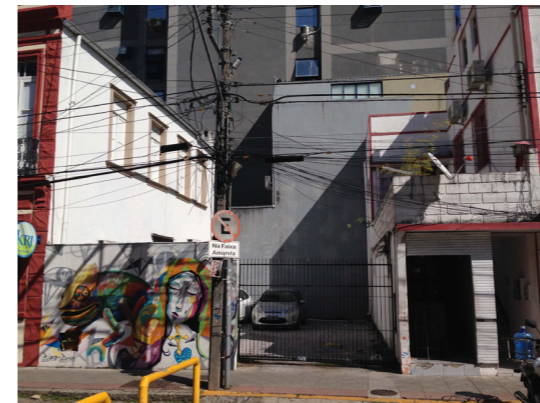
O casarão art-déco construído em 1927, recebeu o nome em homenagem à professora e primeira parlamentar negra brasileira, Antonieta de Barros. Após o fechamento da escola em 2008, o edifício foi totalmente abandonado, sendo hoje utilizado como estacionamentos de motos.

O Plano Regulador Geral retorna as atividades de educação infantil nessa edificação, atendendo a demanda das comunidades vizinhas.

O próprio desenho do edifício, seus recuos e avanços, possibilitou o desenho da arquibancada da escola. Na esquina das ruas Saldanha Marinho e Victor Meirelles. Um espaço de parada para as crianças na saída e entrada do colégio, e um ponto estratégico para vista do Museu Victor Meirelles e o seu mural com releitura de uma das obra mais conhecidas do artista, a Primeira Missa no Brasil.



atualmente...



arquivo pessoal

O estacionamento se transforma em espaço de parada, de exposições, de eventos, se transforma em espaço da multiplicidade urbana, das infinitas possibilidades. A linguagem utilizada busca a intervenção mínima no vazio. O desenho de uma arquibancada contínua por duas das arestas do terreno idealiza a exaltação do vazio urbano por ele mesmo, um convite à diversas formas de apropriação.



atualmente...



arquivo pessoal

Outro pedacinho do bairro no qual já não é permitida a passagem de veículos é o trecho da Rua Saldanha Marinho entre a Rua Tiradentes e o calçadão da João Pinto, onde estão concentradas parte das salas de cursinho pré-vestibular presentes no bairro. Esse uso específico traz à rua um grande número de adolescentes e jovens durante o ano letivo, principalmente nos momentos de entrada e saída e de pausa entre aulas, e pausa para almoço. Um uso intenso, específico, que produz uma atmosfera efêmera de apropriação desse espaço. Como forma de salientar esse uso cotidiano e convidar os estudantes a se apropriarem ainda mais desse espaço (faça chuva, faça sol) foi desenhado um mobiliário em diferentes níveis, podendo ser usado como arquibancada, mesa de estudos, área de leitura, área de descanso ou até mesmo mesa para refeições, e sobre ele uma cobertura colorida translúcida, um jogo de cores e espelhos ao longo do Largo dos Estudantes, como forma de evocar o lúdico no espaço urbano.

É incontestável a importância que os cinemas de rua tiveram no século XIX e XX como espaços produtores de socialidades e de convívio urbano. Florianópolis teve seu momento cinéfilo áureo a partir de 1900 (com a chegada da energia elétrica) até meados da década de 70/80. A grande maioria dos cinemas estavam localizados aos arredores da Praça XV de Novembro, sendo um deles, na João Pinto, então Rua Augusta. Foi inaugurado em 1924 como Cinema Internacional e durou até a década de 80, já com o nome de Cine Coral. O fechamento da sala de cinema na área coincide com a época de maior declínio social e degradação desse bairro. Atualmente a edificação que abrigou a pequenina sala de cinema da antiga Pedreira, abriga a loja de utilidade Milium e possui suas fachadas frontal (para a rua João Pinto) e de fundos (para a rua Antonio Luz) totalmente descaracterizadas. A intenção da intervenção nesse ponto do bairro é retomar a memória, a simbologia representada pelo cinema de rua por quase um século no centro histórico de Florianópolis. Para isso, interfere-se na fachada do edifício adjacente do antigo cinema (que também abriga a loja Milium), criando grandes aberturas envidraçadas no térreo voltadas para o calçadão. A edificação em si passa por uma reestruturação de uso, abrigando um equipamento

cultural. O mobiliário urbano em diferentes níveis busca aludir à presença do cinema nesse lugar. A ideia é mais aludir ao alvoroço que o cinema gerava na frente da sua edificação no pré e pós projeção do que ao uso da edificação em si como um cinema de rua. A retomada da memória urbana ocorre assim no campo simbólico. A partir da morfologia resultante dessas duas edificações cria-se também uma cobertura têxtil em cima dessa "mini-platéia", como forma de evidenciar outro signo de intensa repetição ao longo do calçadão da João Pinto, suas marquises.



atualmente...



arquivo pessoal

atualmente...



arquivo pessoal



A rua Tiradentes, principal ligação direta entre a Avenida Hercílio Luz e a Praça XV de Novembro é conhecida por seus grupos de casarios tombados e pela boemia da Travessa Ratcliff. Praticamente de frente à travessa encontra-se um prédio que nos faz refletir. Uma estrutura visivelmente recente, de 7 pavimentos, totalmente abandonada e fechada por tapumes, bem ali, no coração do centro de Florianópolis. A única estrutura visível hoje da rua é uma escadaria de acesso ao possível hall de entrada. O edifício abrigou até recentemente um hotel. A proposta em torná-lo moradia para estudantes se justifica pela tipologia da edificação e por acreditar que a moradia de jovens no centro histórico pode garantir um ânimo diferente, incentivando também o seu uso noturno. Reinsere-se a escadaria no contexto urbano como área de apropriação pública, nela são dispostos módulos metálicos coloridos, mobiliários que podem ser mesa, apoio ou bancos. Um convite mais explícito que aquele é um espaço para uso de todos.



g

De fortificação para proteger a Ilha de Santa Catarina de possíveis invasões, à hospedaria de quarentena militar; de Capitania dos Portos, à sede da Fundação Franklin Cascaes e hoje, novamente área militar. De sobrado com características arquitetônicas luso-brasileiras, à casario eclético, à casario art-déco. Já esteve diversas vezes em eminências de ser demolido, a última, antes de seu tombamento (em 1984) quando, com as obras do Terminal Cidade Florianópolis, alegavam que o forte atrapalhava as obras do sistema viário de acesso ao terminal, que fora inicialmente pensado com um traçado que exigia a demolição do pontilhão de acesso ao forte centenário.

Hoje não resta nada ali que remeta à sua função de proteção. Um mastro para os olhares mais atentos para fazer a ligação com a antiga presença do mar.

A proposta para nesse espaço, é a de transformar sua área verde (única no bairro), em um espaço público conectado àquele proposto como diretriz para parte do atual terminal. São propostas ali, duas intervenções, uma permanente e outra efêmera. Na primeira é desenhada uma "ilha na ilha", tentativa de resgate de um signo: a ilha rochosa sobre na qual encontra-se essa edificação e que não é mais reconhecível devido ao aterro realizado. A segunda proposta aparece como um ensaio de como a arte pode valorizar o patrimônio e agregar valor à ele. Na perspectiva de seu passadiço de acesso, são colocadas traves metálicas, com placas metálicas finas penduradas que se movimentam com o vento, uma experiência sonora e visual para chamar a atenção de um patrimônio edificado esquecido e não valorizado.

atualmente...



google street view



forte antes do aterro
floripendio.blogspot.com.br



h



pmf.sc.gov.br



forte logo depois do aterro
floripendio.blogspot.com.br

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Resgatando as motivações iniciais para realizar este trabalho (aquelas primeiras mesmo) lembro de um fim de tarde, final do expediente, em que fui encontrar os amigos na Kibelândia. Foram nessas ocasiões, vivendo esse espaço, em que eu pensei “esse lugar não pode deixar de ser o que é” e, o que ele era pra mim, naquele momento, era a sensação que eu estava em Florianópolis.

Noutro dia, ao escolher uma lanchonete ali na rua Tiradentes para tomar o café da tarde, faço mais um passeio pelo bairro. É o moço da casa de sucos cumprimentando o conhecido que passou na rua, as moças do salão de beleza conversando, a Travessa Ratcliff e o Milton’s Bar montando suas mesas, e o bar do gaúcho, lá de frente para o Terminal antigo, sempre cheio de prosa. Enquanto isso, pessoas passando, para o TICEN, para a Mauro Ramos, indo e vindo, num ritmo constante, olhando seus celulares de vez em quando (mas cuidado, ali é meio perigoso!). Nesse meio de tarde, tomando um suco na esquina do prédio Liga Operária e observando as pessoas passando, refleti, ninguém tem mais tempo e interesse em parar e ficar na cidade? Decido voltar para o trabalho passando pelo meio da Praça XV, acho divertidíssimo passar ali onde aquela massa vegetativa me faz transportar para outro lugar. E ali, “não, pera, olha só... aqui tá cheio de gente! Tá todo mundo sentado, uns conversando, outros lendo... Não é só falta de tempo, é falta de convites para estar naquele espaço.”

O que trago desde o início desse trabalho inevitavelmente é isso: como fazer esse espaço convidar as pessoas a estarem nele, a pararem nele, a se relacionarem com ele.

Segui refletindo por um bom tempo em todos aqueles assuntos (e alguns outros a mais) resumidos na primeira parte do trabalho. Um tema me levava ao outro e eu não conseguia pensar nesse espaço sem essa reflexão inicial.

Foi muito difícil conseguir despontar a materialização da proposta. Justamente pelo cuidado que eu queria tomar para que esse espaço não perdesse aquela primeira sensação que eu descrevi, a de estar em Florianópolis. Pensava, “tá... pra esse lugar convidar as pessoas eu tenho que lhe dar qualidade espacial; mas é sítio histórico, tenho também que valorizar seu patrimônio; mas pera, não posso fazer isso de forma muito drástica, se não, eu posso afastar os

seus atores locais; tenho que tomar cuidado com as transformações, olha só o que fizeram com o Mercado Público! Não, não acredito que ele suporte transformações radicais, tenho que ser sutil.” Tinha sempre em mente as questões da gentrificação e da espetacularização urbana como consequências a serem “combatidas” e isso me estagnava.

Fui atrás de estudos de caso, centros históricos que foram gentrificados, como combater a gentrificação, infinitos artigos e exemplos e, a primeira conclusão do meu trabalho se deu ali. Essa questão não conseguem ser “resolvida” apenas com o desenho urbano. É preciso ações políticas, uma gestão pública eficiente, e mesmo assim, ela pode acabar aparecendo algum tempo depois. É uma questão mais profunda, consequência do modo de produção atual, discussão essa que não cabia nesse trabalho de conclusão de curso.

Retomei as leituras que tinha feito sobre a preservação dos centros históricos, e decidi me focar nas necessidades dele. Ali se deu a segunda conclusão do meu trabalho “ (...) um centro histórico precisa de animação, de residentes fixos, de usos que o promovam, que promovam a memória de suas urbanidades, a fim de combater a sua musealização ou degrado pelo desuso”.

Foi para juntar essa conclusão com o meu desejo inicial, que a abordagem final se deu nas duas frentes: o Plano Geral para o centro histórico e os ensaios urbanos. Essa escolha, por mais confusa que tenha ficado na minha cabeça por algum tempo, me satisfez, me fez sentir coerente.

A sutileza nas intervenções, foi um norte invisível por eu buscá-la sem perceber que estava buscando. Ela se torna mais explícita pra mim a partir do desenho dos mobiliários urbanos.

Com absoluta certeza, não conseguiria trazer essas propostas para os ensaios urbanos sem os caminhares pelo bairro. Essa percepção do espaço em que se está trabalhando foi um processo rico e prazeroso. Gostaria de ter pensado em algo com mais participação da população local, mas essa foi uma das minhas limitações.

A minha aproximação com a prática urbana de intervenções pontuais, pequenas e sutis, capazes de incitar novas práticas cotidianas, foi também uma grande “descoberta pessoal”. Não tinha até então trabalhado a partir desse princípio, e hoje, é um campo de estudo que pretendo seguir.

O processo inteiro desse trabalho foi muito rico, por incentivar reflexões, por me mostrar novos caminhos, me instigando a fazer algo diferente do que já tinha feito. A partir dele, concluo a faculdade de arquitetura e urbanismo, com uma visão de cidade e arquitetura transformados.

BIBLIOGRAFIA

livros / artigos / teses /

ARGAN, Giulio Carlo - A história da arte como história da cidade

ALDO, Rossi - A arquitetura da Cidade

ANDREIA DA SILVA SANTOS & ROSÂNGELA QUEIROZ - A Desterritorialização dos Territórios: A Cidade Subjetiva de Félix Guattari

AZEVEDO, Maria Thereza Oliveira - Passeio de sombrinhas: poéticas urbanas, subjetividades contemporâneas e modos de estar na cidade.

AUGÈ, Marc - Não Lugares introdução à antropologia da supermodernidade

BAGATOLI, Vera Maria - O caminhar como poética

BARACUHY, Jovanka e SCOCUGLIA, Cavalcanti - Requalificação urbana e gentrificação de antigos centros urbanos - estudo comparativo França e Brasil

BENETTI, L. MARCONDES, M. - Intervenções artísticas no urbano: Revendo o novo paradigma estético

BIDOU-ZACHARIASEN, Catherine (org.). De volta à cidade: dos processos de gentrificação às políticas de "revitalização" dos centros urbanos. São Paulo: Annablume, 2006

BOURRIAUD, Nicolais - Estética Relacional

CARERI, Francesco - Walkscapes

CRIOLLO J., KINCELER J.L. e OLIVEIRA, L.S. (organizadores) Outro ponto de vista - práticas colaborativas na arte contemporânea

CABRAL, Oswaldo C. - Nossa Senhora do Desterro

DEBORD, Guy - A sociedade do espetáculo

FARTHING, Stephen - Tudo sobre arte - Os movimentos e as obras mais importantes de todos os tempos

FREIRE, Cristina - Além dos mapas: os monumentos no imaginário contemporâneo

FERRI, P; FONTI, D; CRESCENTINI, M - Io arte, noi città - natura e cultura dello spazio urbano

FERREIRA, Laura M. - O espaço urbano como suporte para a arte (2005)

GABELLINI, Patrizia - Dal Recupero dei centri storici alla riqualificazione urbana. periódico Ecoscienza, numero 4, 2011

GEHL, Jan - Cidades Para Pessoas

JACQUES, Paola B. - Elogio aos Errantes

JACQUES, Paola B. - Corporografias Urbanas

JACQUES, Paola B. - Errâncias Urbanas: a arte de andar pela cidade

NETTO, Vinícius M. - Cidade & Sociedade - as tramas da prática e seus espaços.

NOBRE, Eduardo A. C. - Intervenções urbanas em Salvador: turismo e "gentrificação" no processo de renovação urbana do Pelourinho

ROCHA, Eduardo. (2010). Arquiteturas do Abandono: ou uma cartografia nas fronteiras da arquitetura, da filosofia e da arte. Porto Alegre: PROPAR | UFRGS

SAMPAIO, Adriana L. - Inventário e Memória. Cinemas de rua em Florianópolis

SANTOS, Rodrigo G. e SILVA, Ramon M. - Cartas e cartografias urbanas: diálogos sobre a experiência estética num desejo de compreender a cidade contemporânea (2014)

SANTOS, Eduardo R. - A iluminação pública como elemento de composição da paisagem urbana

SOLÀ-MORALES, Ignasi de(Territórios, Gustavo Gili, 2002) - Terrain Vague / Ignasi de Solà-Morales

TEIXEIRA, Simone - Cidade, História e Patrimonialização

TITTON, Cláudia P - Reflexões acerca do papel da arquitetura e do urbanismo na cidade contemporânea

VEIGA, Eliane V. - Florianópolis: memória urbana

VEIGA, Eliane V. - Forte de Santa Bárbara: História, resistência e modernidade

ZUNIGA, Laura - Cidades Reversíveis: Caminhos Urbanos em Benjamin, Guattari e Janice Caiafa

catálogo:

Urban by Nature - catálogo 14 Bienal de Arquitetura de Rotterdam

periódicos

GONÇALVES, Ana Lucia de A. - Iluminação de Paraty - Revista LUME, edição 31, 2008

GONÇALVES, Ana Lucia de A. - A construção da paisagem noturna de sítios históricos - Revista LUME, edição 20, 2006

FERRAZ, Marcelo . O pelourinho em salvador - vitruvius.com.br, acessado em novembro de 2015

legislação

IPUF / SEPHAN - Legislação sobre o Patrimônio

manual de distribuição

Projetos de Iluminação Pública - CEMIG, 2012